



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
MESTRADO EM FILOSOFIA

JAIRES FIRMINO DA SILVA

**A IDEIA DE FELICIDADE EM BAUMAN:
um contraponto à tradição**

RECIFE
2022

JAIRES FIRMINO DA SILVA

**A IDEIA DE FELICIDADE EM BAUMAN:
um contraponto à tradição**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de Concentração: Filosofia, Ética e Linguagem.

Linha de Pesquisa: Ética, Fundamentos Morais e Valores Humanos.

Orientadores: Prof. Dr. José Tadeu Batista de Souza.

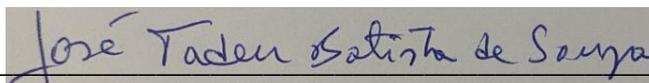
RECIFE

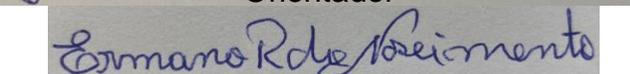
2022

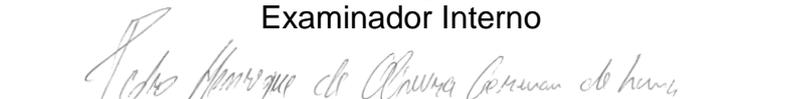
JAIRES FIRMINO DA SILVA

**A IDEIA DE FELICIDADE EM BAUMAN:
um contraponto à tradição**

Dissertação Aprovada em 21 / 11 / 2022, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes avaliadores:


Prof. Dr. José Tadeu Batista de Souza
Orientador


Prof. Dr. Ermano Rodrigues do Nascimento
Examinador Interno


Prof. Dr. Pedro Henrique de Oliveira Germano de Lima
Examinador Externo

RECIFE

2022

S586i Silva, Jaires Firmino da
A ideia de felicidade em Bauman: um contraponto
à tradição / Jaires Firmino da Silva, 2022.
96 f.

Orientador: José Tadeu Batista de Souza
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Filosofia.
Mestrado em Filosofia, 2022.

1. Felicidade. 2. Bauman, Zygmunt, 1925 – 2017.
3. Ética. 4. Civilização moderna. I. Título.

CDU 17.023.34

Luciana Vidal - CRB 4/1338

Para Angela Coelho,

Jamais

Amei

Intensamente

Relembrarei

Eternamente

Sua presença em minha vida, VIDA!

AGRADECIMENTOS

A Deus, Alfa e Ômega da Felicidade.

À minha família, que, mesmo nos momentos de dificuldades, tem-se lançado rumo à dias melhores, à felicidade, e nunca de mim desistido.

A minha grande companheira e incentivadora acadêmica: Angela Maria Castro Coelho, que esteve comigo dia a dia, e permanecerá proporcionando a nós felicidade que se eternizará para além desta vida.

À Universidade Católica de Pernambuco, representada pelos seus grandes professores, verdadeiros mestres da academia, em especial ao Prof. Dr. Ricardo Pinho Souto, o qual lançou, junto a tantos desafios que a era pandêmica nos trouxe, o marco inicial, me apresentando Zygmunt Bauman, o qual perdura ao longo do desenvolvimento dissertativo seus ensinamentos, mas que, por razões maiores, nesta reta final, não pôde, junto a mim, finalizar este trabalho. Fica aqui registrado o meu grandiosíssimo: muito obrigado!

À Capes, que através da Bolsa CAPES/PROSUC, fomentou por seis meses esta produção acadêmica.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Tadeu Batista de Souza, pela compreensão das circunstâncias e me abraçar nesta reta final, de árdua produção científica, bem como, por dedicar um pouco do seu grandioso e valoroso tempo, respeitando o já pesquisado e me (re)direcionando ao aprimoramento desta.

A todos aqueles que direta ou indiretamente, contribuíram para conquista desse mais novo degrau acadêmico que, em nome da felicidade, muito almejei. À Coordenação do Mestrado em Filosofia, o Prof. Dr. Gerson Francisco de Arruda Júnior. Cito, também, os mestres: Prof. Dr. Ermano Rodrigues do Nascimento, Prof. Dr. Pedro Henrique de Oliveira Germano de Lima, aos Professores Dyego Lima e Igor Oliveira, que representam toda a classe de professores, a qual muito respeito e tenho admiração profunda.

O advento da busca da felicidade como principal motor do pensamento e ação humanos prenuncia para alguns, embora também ameace para outros, uma verdadeira revolução cultural, mas também social e econômica.

ZYGMUNT BAUMAN

RESUMO

Através de “A Arte da Vida”, de Zygmunt Bauman, busca-se entender o que é a felicidade e se, de fato, esta é possível em uma sociedade líquida moderna. O filósofo polonês traz, em sua obra uma brilhante exposição de ideias filosóficas e sociológicas. Contrastando com a tradição filosófica a partir de recortes dos principais autores de cada período filosófico, indo da Filosofia Antiga à Contemporânea. Além disso, este trabalho visa sinalizar seu pensamento na tentativa de compreender melhor a felicidade ao longo da História. Em seguida, com base no tema acima, será discutido se há relações de continuidade ou rupturas entre o conceito de felicidade de Bauman e a História da Filosofia, uma vez que pensar e discutir sobre a felicidade na pós-modernidade são desafiados pela cultura própria e dominante de uma sociedade líquida, cada vez mais propensa a mudanças rápidas, praticamente instantâneas, fruto de um mundo cada vez mais globalizado, que projeta em tempo recorde satisfações efêmeras e sentimentos fugazes. Assim, o autor dessa obra nos provoca a lutar cada vez mais por melhores entendimentos e sentimentos, muitas vezes divergentes, mas necessários aos debates filosóficos contemporâneos nas academias, visto que este tema se mostra, hoje, reservado aos livros de autoajuda.

Palavras-chave: Felicidade. Zygmunt Bauman. Ética. Consumo. Modernidade Líquida.

ABSTRACT

Through “The Art of Life”, by Zygmunt Bauman, we seek to understand what happiness is and if, in fact, it is possible in a liquid modern society. The Polish philosopher brings, in his work, an exposition of philosophical and sociological ideas. Contrasting with the philosophical tradition from the cuttings of the main authors of each philosophical period, ranging from Ancient to Contemporary Philosophy. In addition, this work aims to signal his thinking in an attempt to a better comprehension of happiness throughout History. Based on the theme from above, it will be discussed whether there are continuity relations or ruptures between Bauman's concept of happiness and the History of happiness, since thinking afterwards and about the Philosophy of happiness in postmodernity are challenged by the own culture and dominant of a liquid society, more and more rapidly, more and more prone to instantaneous changes, the result of an increasingly globalized world, which projects in time ephemeral and fleeting feelings. Thus, the author's work provokes us to fight more and more for better themes shown and that are often divergent, but often the philosophical debates seen in academies, today, reserved for academic self-help books, today, reserved for academic self-help books.

Key words: Happiness. Zygmunt Bauman. Ethic. Consumption. Liquid Modernity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DA IDEIA DE FELÍCIA	15
2.1 Platão e a Vida Feliz: fruto de um bom governo	15
2.2 Aristóteles: <i>eudaimonia</i> , virtude e contemplação	18
2.3 Epicuro: virtude e prazer individual	20
2.4 Sêneca em A Vida Feliz	23
2.5 Santo Agostinho e a Felicidade na Patrística	25
2.6 Tomás de Aquino: felicidade incompleta <i>versus</i> felicidade completa	27
2.7 René Descartes: o homem e suas virtudes	30
2.8 Thomas Hobbes e o protagonismo	32
2.9 Bertrand Russel: prazer, crença e ciência	34
3 A FELICIDADE EM BAUMAN: UMA APRECIÇÃO “A ARTE DA VIDA”	39
3.1 Consumismo e Identidade	39
3.2 Convergência ou Divergência entre Bens e Desejos?	45
3.3 O Perigo Frente a Busca por <i>Status Social</i>	49
3.4 Subjetividade <i>Versus</i> Liberdade	52
3.5 Protagonismo na Modernidade Líquida	58
3.6 Digressão e Transformação	60
3.7 A Felícia e o Compromisso em “A Arte da Vida”	62
4 CONTINUIDADE OU RUPTURAS NA MODERNIDADE LÍQUIDA	67
4.1 Um Recorte com Platão e Aristóteles	67
4.2 O Entendimento do Epicurismo e Estoicismo	70
4.3 O Entendimento da Patrística e da Escolástica	74
4.4 A Modernidade com René Descartes e Thomas Hobbes	78
4.5 Bertrand Russell <i>Versus</i> Zygmunt Bauman	81
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	91
ANEXOS	95

1 INTRODUÇÃO

A crise de paradigmas na contemporaneidade, dentre tantos, o ontológico¹, muito têm contribuído para uma Filosofia atual cada vez mais cética, haja vista a necessidade social de viver na prática tanto a busca por felicidade, quanto o próprio sentimento de vida feliz. Isso porque, em tempos de modernidade líquida, falar desse sentimento subjetivo mostra-se quase que de forma imediata ou espontânea, tendendo-se a vincular tal tema à necessidade de uma discussão meramente voltada ao contexto de autoajuda.

Para tanto, o grande desafio desta produção filosófica será a apropriação de diferentes visões acerca do tema para que, através de grandes pensadores da tradição filosófica, com início na Filosofia Grega, até a Filosofia Contemporânea, possa ser respondida a seguinte pergunta: Em tempos de modernidade líquida é possível alcançar a felicidade? Acredita-se que sim, haja vista a possibilidade de se irromper a lógica imediatista do consumo, muitas vezes, desnecessário. Isso porque, a Filosofia, mais do que qualquer outra área do conhecimento, tem condições reais de muito contribuir para com uma visão crítica-reflexiva aplicando-se também à temática.

Ver-se-á, portanto, como ao longo do tempo se deu essa discussão acerca da ideia de felicidade no pensamento filosófico. Eis o que será tratado, no primeiro capítulo desta produção filosófica, traçando uma linha cronológica e fazendo uma abordagem histórica aos principais problemas levantados pelos pensadores como Platão e Aristóteles, bem como, pelo epicurismo e estoicismos, ampliando, assim, a discussão e perpassando pela Idade Medieval com Tomás de Aquino, chegando à modernidade, com René Descartes e Thomas Hobbes, finalizando com o pensador Bertrand Russell contemplando a contemporaneidade.

Isso posto, e, ainda, em resposta a essa interrogação tendo sido a felicidade tema um tanto quanto adormecido nas discussões filosóficas contemporâneas, será tratado, diretamente no segundo capítulo desta dissertação, o problema da felicidade em Bauman: uma leitura a partir do livro **A Arte da Vida**. Na oportunidade, busca-se,

¹ Parte da Filosofia que traz como objeto de estudo as propriedades mais gerais do ser separada das inúmeras determinações que, ao qualificar este em particular, oculta sua natureza plena e integral.

aqui trazer, à luz da discussão sobre a felícia, contribuições filosóficas significativas para o tema em tempos de modernidade líquida. (BAUMAN, 2001, p. 8).

Uma vez questionado: O que há de errado com a felicidade? Zygmunt Bauman traz a reflexão em sua obra “A Arte da Vida”, sobre o que norteia ou o que impulsiona a sociedade sobre essa tão árdua busca por satisfação e por bem-estar. A felicidade será aqui abordada por um prisma filosófico, sabendo-se que existem outras abordagens (social, política, religiosa ou até mesmo psicológica), nossa proposta será, buscar entender como a felicidade, enquanto temática, abordada ao longo da história de sociedades e povos, o que se justifica pela diversidade de filósofos e de seu tempo.

Não obstante, ao associar modos de vida e de pensamentos à temática é um tanto quanto desafiador, uma vez que a falta de consenso ou abordagens quanto a esse tema tem sido fruto de inquietações e, ao mesmo tempo, o despertar de curiosidades e características próprias de cada época, essas típicas do filosofar por amor independentemente de credos, religiões ou pensamento político-social.

Assim, é mister trilhar o caminho para que possamos identificar rupturas ou continuidades que devam, por deveras, existir em torno da ideia de felicidade na tradição filosófica ocidental. Logo, constará no terceiro capítulo deste trabalho as relações de continuidade ou rupturas quanto ao conceito de felicidade na modernidade líquida, segundo Zygmunt Bauman, frente à tradição filosófica. Como diz Villamarin, citando o filósofo italiano, Antônio Gramsci, “é preciso atrair violentamente a atenção para o presente do modo como ele é, se se quer transformá-lo”, (2003, p. 42). Logo, pensar, mesmo que seja o já pensado, ou refletir (do latim *reflectere*), que segundo Abbagnano, significa “fazer retroceder”, “voltar atrás”, (2000, p. 837), para que haja posições filosóficas mais claras a respeito da felicidade, e com isso, alcançar a precisão no que tange os modelos de vida e os projetos de vida mais assertivos quando o desejo for à busca por uma vida feliz.

Na certeza de que retomar o pensamento frente à tradição filosófica, faz, de certa forma, mais filósofos na medida em que se propõe questões de natureza filosófica, propor essa reflexão sobre os parâmetros de relações, continuidade e rupturas quanto ao conceito de felicidade na modernidade líquida é o que norteia esta desafiadora busca pelo entendimento do conceito de felicidade que, para Bauman

(2021) parece ser, em tempos de liquidez, um estado mutável, a ponto de distanciar a sociedade cada vez mais do propósito de ser feliz.

Nesta perspectiva, responder a interrogação: É possível à felicidade ao longo da História dos Povos e em tempos de modernidade líquida segundo a Filosofia? De forma categórica, sim, mesmo havendo formas e entendimentos filosóficos diversos, haja vista, sociedade, abordagens e pensamentos filosóficos, ora convergentes, ora divergentes. No mais, é possível à felicidade tanto nesta vida, como, em outra segundo a transcendência para alguns filósofos aqui apresentados, mesmo que, já admitido não haver para esse estado subjetivo de felícia um manual.

2 UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DA IDEIA DE FELÍCIA

Tanto filosófica, quanto social, religiosa e, até, psicologicamente, a felicidade enquanto temática foi abordada ao longo da história, como busca-se explicitar neste segundo capítulo. Não obstante, a felicidade, ao longo do tempo tem sido abordada sob diferentes aspectos, o que se justifica pela diversidade de filósofos e de eras analisadas. Contudo, associar modos de vida e de pensamentos à temática “felicidade” é um tanto quanto curioso, uma vez que a falta de consenso quanto a esse tema tem sido fruto de inquietações e, ao mesmo tempo, o despertar de curiosidades. Características essas, típicas do filosofar por amor. Assim sendo, é mister trilhar o caminho ao longo da Filosofia para que seja possível vislumbrar através dos mais diversos pensamentos filosóficos da antiguidade à contemporaneidade, como eram e é pensada a felicidade.

2.1 Platão e a Vida Feliz: fruto de um bom governo

Para Platão, deve o Estado se fazer promotor do bem estar social. De maneira objetiva, eis o que é exposto na obra “*A República*”² quando o filósofo relaciona de forma ímpar a virtude³ (*areté*) com a felicidade (*eudaimonia*), dando destaque para ações, que do contrário, tornam o homem perverso, conseqüentemente infeliz, bem como, capazes de levar-nos a entender que, a ação do cuidado com o outro é um dos caminhos pelo qual torna o homem, ser feliz.

É notório, ao longo da obra supracitada, que a política é um indício pelo qual pode-se alcançar a graça do bem, pois, necessariamente, segundo Platão, ela contribui significativamente para a harmonia entre os homens. Há outras obras de Platão, que tratam sobre o tema proposto, contudo, este tópico deste capítulo trabalhará a obra **A República** como *summa* de seu pensamento filosófico para tratar

² “A mais vasta e rica obra de Platão. Consagrou a ela muitos anos de sua idade adulta. Avançando do indivíduo para a doutrina da sociedade, a obra abrange todos os campos da filosofia platônica”. (STÖRIG, 2009, p. 129).

³ Tida e entendida como conhecimento, pois, segundo o filósofo, ao homem virtuoso lhes é concedido, principalmente para que seja um bom governante: Prudência ou sabedoria, Justiça, Temperança e Fortaleza ou coragem e força. Denominadas por Platão de Virtudes Cardeais.

sobre esse estado subjetivo do homem, uma vez que relacionar conceitos como virtude, ética, política, alma e felicidade dá condições de abordagem sem a pretensão aqui de buscar esgotar o assunto.

Aprofundando-se sobre a temática é possível entender que, de forma articulada com a virtude, o bem-estar social para o filósofo grego não é acidental. E que, uma vez articuladas virtude e felicidade, juntas, fazem a diferença na proposta do ideal de cidade pensada por Platão. Contudo, é mais que notório, a partir da leitura da obra **A República** que, a virtude se faz necessária para que se alcance esse estado de satisfação pessoal e social, ou seja, uma vida feliz alicerçada em valores que só uma vida cheia de virtudes pode proporcionar. Assim sendo, política e virtude podem ser compreendidas como degraus necessários para que se alcance essa qualidade para o filósofo.

Dito isso, é deveras necessário falar das três “classes” coabitadas na criação da cidade ideal de Platão e sua necessária educação, pois deve-se ensinar desde pequeno a virtuosidade, uma vez que ensinando-se a virtude às crianças do hoje, estas não tenderão a serem homens viciados do amanhã, como bem expressa ao dizer que: “Se imitarem, que imitem o que lhes convém desde a infância – coragem, sensatez, pureza, liberdade, e todas as qualidades dessa espécie”. (2014, p. 120-121). Evitando assim, no futuro, homens destituídos das virtudes cardeais.

Ora, uma vez criada a cidade ideal, a qual é dividida pelo filósofo por classes, quais sejam as classes, a dos lavradores, artesãos e comerciantes; a dos guardas; e a dos governantes. Por sua vez, é direcionado a cada classe as virtudes que lhes são próprias e necessárias. Eis a importância do papel da educação já desde a infância, uma vez que Platão especifica que para cada classe há de haver uma parte específica da alma (*psyché*). Assim, para cada classe há uma parte correspondente da alma⁴ ficando assim: para a primeira classe o elemento “concupiscível”⁵ da alma, predominando a “temperança”⁶ enquanto virtude; para a segunda classe o elemento “irascível”⁷ (volitiva) da alma, sendo a fortaleza e a coragem as virtudes predominantes e, para a terceira classe cabendo-lhe a parte racional da alma, tendo por destaque a

⁴ A alma é para Platão a causa da vida; o princípio do movimento; partícipe do que é divino. (2000, p. 28).

⁵ A parte mais elementar de todas, é aquela constituída pelos desejos e necessidades básicas.

⁶ “Espécie de ordenação, e ainda o domínio de certos prazeres e desejos...”. (2014, p. 181).

⁷ Parte da alma onde encontra-se os sentimentos.

sabedoria enquanto virtude. Contudo, a harmonia entre as três classes e suas respectivas virtudes são necessárias para o ideal da cidade perfeita, segundo Platão, contribuindo para a justiça.

Sabendo-se que, a cidade perfeita para o filósofo é aquela à qual se valoriza a educação desde pequeno, com o propósito de formar cidadãos, verdadeiramente virtuosos e capazes de laborar não em benefício próprio mais em prol de um Estado como um todo, feliz. Até aqui, leva-nos Platão a compreendermos até então, que a virtude é necessária ao bem-estar do homem e do social, ou seja, a excelência moral deve ser o grande diferencial no cidadão que caminha em busca de uma vida feliz, pois é na cidade (*polis*), nos meios sociais e políticos, ou seja, é através de uma visão “objetiva” de vida feliz que Platão acredita ser o caminho se desejar o belo, e assim, o homem obter meios para alcançá-lo.

Caminho esse que só será possível graças à justiça⁸ tão basilar à virtude do homem e contrária a qualquer vício, enfermidade, mazela ou injustiça. Assim, apresenta-se a felicidade, pelo filósofo, de forma objetiva, uma vez que essa só será possível, no campo político, por exemplo, através de um governo justo⁹. Sendo o Estado o promotor da justiça, cabe ao homem virtuoso e idôneo se fazer feliz, entendimento este que leva a compreender que, é isso a felicidade objetiva. Logo, a instalação de um bom governo, é, para Platão, necessário, pois é visto que, só no governo ideal, na justiça e na virtuosidade do cidadão que será possível encontrar o tão almejado sentimento objetivo, tanto pelo homem quanto, pelo governante ideal, qual seja, o filósofo-rei.

Tendo uma boa organização, o Estado se faz verdadeiro e louvável promotor da felícia, fruto de um governo de virtudes e guiado pela racionalidade e amor à sabedoria que, uma vez externo ao povo afirma-se enquanto defensor e agente dessa bem-aventurança, a qual, posta-se aqui com base nos escritos de Platão. Assim, o altruísmo dos guardiões é de fundamental importância para a cidade e seus coabitantes serem e se fazerem felizes, uma vez que, esse mais puro sentimento pessoal é sucumbido frente à busca e à promoção do mesmo de forma coletiva, e, em nome de. E mais uma vez, todos, inclusive os guardiões, são dependentes desse bom

⁸ Aqui entendida enquanto sabedoria e instrumento capaz de produzir acordo e amizade. (Cf. 2014, p. 45-46).

⁹ Governo que legisle para todos e não para uma minoria ou alguns, apenas.

governo, dessa boa organização do Estado aqui apresentada, uma vez que se entende ser a felicidade, bem comum, independentemente da função que cidadão exerça na *polis*. Haja vista o compromisso de cada um em nome do todo, buscar prezar pelo bem comum, pela unicidade, para que todos prospere nas virtudes e nem um cidadão sofra ou seja infeliz. Assim, diz Sócrates, “quando ferimos um dedo, toda a comunidade, do corpo à alma, disposta numa só organização (a do poder que a governa), sente o fato, e toda ao mesmo tempo sofre em conjunto com uma das suas partes”. (2014, p. 232).

Logo, é o coletivo, a ideia de muitos que nos move rumo às virtudes, pois o todo é maior, e aqui necessário, frente ao individualismo e egoísmo de um apenas ou até mesmo de poucos. É o todo, o principal objetivo para que seja possível tal sentimento de vida feliz. Contudo, é o Estado o principal promotor desse estado sentimental de bem-estar do coletivo e não de um ou de poucos, apenas. E mais, é dever deste difundir e assegurar esse sentimento a todos, uma vez que, conduzir os cidadãos a uma perfeita harmonia uns para com os outros é sua maior missão frente a um governo justo e virtuoso. Assim, toda e qualquer ação contrária a tudo isso é (*kakodaimonia*) infelicidade, e não felicidade (*eudaimonia*).

Pensando bem, é fato que, para Platão, a felícia de um povo depende estritamente de um governo bom, justo e virtuoso que legisle em prol de todos, de muitos e não de uma minoria, apenas. Assim, essa harmonia entre os cidadãos está intimamente ligada à condição de um bom governo, sendo este, por natureza ético, justo e promotor das virtudes tão necessárias ao homem que busca o bem-estar seu e de outros. Logo, para Platão esse bem-estar não é outro, se não a felicidade objetiva.

2.2 Aristóteles: *eudaimonia*, virtude e contemplação

Já para Aristóteles, como bem explicita em sua obra *Ética a Nicômaco*¹⁰, é a felicidade “a mais desejável de todas as coisas”, sendo esta, “algo absoluto e auto-suficiente, sendo também a finalidade da ação”. (1991, p. 13). Assim sendo, é natural para o Estagirita que, a procura por esse estado subjetivo, seja ao homem, algo

¹⁰ Principal obra do Filósofo Aristóteles sobre Ética.

natural a todos, tendo estes essa busca como finalidade de suas ações. Importante destacar ainda que, o encontro desse sentimento, estado se dá através de uma vida perfeitamente virtuosa, uma vez que, é a virtude¹¹ a atividade mais perfeita do homem, pois é o Sumo Bem, para o filósofo grego, a verdadeira felicidade.

Assim, resta ao homem de virtudes o caminho da prática do bem atrelado a vivências pautadas em boas ações, para que este possa, através de uma boa conduta moral, ética e social almejar vida feliz. Logo, com base nesse entendimento, faz-se necessário ao homem, virtudes como: o altruísmo e a alteridade, somados a tantas outras, visto que, é preciso fazer o bem e perceber no outro condições reais de uma vida coletivamente feliz, uma vez que, bem defende Aristóteles, ser por natureza o homem animal, sociável e político. (1997, p. 127).

Por ser o homem social e político, cabe a cada um exercer suas melhores virtudes, para que, possam, estes, viverem sem excessos e sem vícios, e, conseqüentemente, da melhor forma e o mais agradavelmente seus dias rumo ao Sumo Bem enquanto âncora de bem-aventurança, por isso, para o filósofo, toda ação deve objetivar algum fim.

Logo, é a virtude (*areté*) para Aristóteles necessária a essa condição, e mais ainda, cabe ao homem evitar excessos e vícios, e para isso escolher agir sempre de forma racional e inteligente, evitando os extremos, quer seja demais ou de menos, uma vez que, tanto a razão quanto a moral devem ser balizadoras da prudência do bem agir do homem. Contudo, não é possível deixar aqui de fazer referência à ética aristotélica, que tem como uma de suas premissas, a ideia de felicidade (*eudaimonia*), tendo em vista, à prática das boas ações uma vez que o homem age com virtuosidade.

Assim, virtude (*areté*) e felicidade (*eudaimonia*) para o Estagirita é a mais alta excelência para que o homem se construa e se constitua um ser ético. Ser este, capaz de alcançar o Sumo Bem através da ação e contemplação. Para tal, é preciso que o homem, volte-se para si mesmo e exerça a meditação, a partir, de uma experiência de reflexão própria e introspectiva.

Adicionalmente, pode-se sinalizar até aqui que, para Aristóteles a felicidade é subjetiva, por ser esta, fruto da razão e da sabedoria, uma vez que, segundo Aristóteles, “nada caracteriza melhor o homem do que o fato de pensar”. (2001, p.

¹¹ Para o filósofo, uma prática e não um dado da natureza de cada um, tampouco o mero conhecimento do que é virtuoso.

120). Assim, sendo o homem ser pensante e, conseqüentemente racional, eis aí sua maior virtude. Esta que o diferencia de todo e qualquer outro animal. Logo, é o fato de pensar que faz o homem ser de virtude que, por consequência torna-se hábitat natural do bem supremo.

Destarte, é a cultura da prática da virtude, fruto de um ser pensante que ali pode habitar o Sumo Bem, pois é natural ao homem buscá-lo, e, quando esse encontro é associado às virtudes, ao bem e às boas ações, torna o homem, terreno fértil para a vivência desse estado subjetivo, qual seja, uma vida feliz, encontrando aí, na contemplação um modelo de vida a ser vivido e seguido. Uma vez que, para Aristóteles, “tanto a maioria dos homens quanto as pessoas mais qualificadas dizem que este bem supremo é a felicidade”. (2001, p. 17).

Adicionalmente, para o filósofo, a *eudaimonia*, não deve confundir-se com prazer momentâneo ou fugaz, cabendo ao homem sábio e virtuoso distinguir entre o que lhe proporciona felícia ou não, para que não confunda sentimentos duradouros com sentimentos efêmeros, mesmo sendo o homem tendencioso a compreender o prazer como virtude e, conseqüentemente, como estado de bem-estar interior. Isso porque o prazer é instantâneo, enquanto que, o estado de espírito é mais elevado por ser esse de natureza contemplativa e introspectiva para o homem. Decerto, é a felicidade para o Estagirita, uma atividade da alma, ou seja, ação contemplativa, Fim Último.

2.3 Epicuro: virtude e prazer individual

A princípio, para melhor compreender a felicidade em Epicuro, se faz necessário saber que esse filósofo trata de uma doutrina a qual leva o indivíduo a alcançar a seu própria estado de bem-estar pessoal, uma vez que, este invista primeiramente na busca do equilíbrio no corpo e na alma, caminho este o qual tenderá à sabedoria, e, por consequência a esta prazerosa sensação de felícia, graças a sua vivência, preparando-se assim, para caminhar no sentido de ser feliz, tendo este respeito pelo seu tão almejado sentimento subjetivo. Cabendo ao homem dar a máxima atenção a esse propósito. Diz Epicuro de Samos, “é necessário dar atenção àquilo que produz a felicidade”. (2021, p. 129).

A doutrina da qual o texto supracitado faz referência é a que se destaca pela sua vivência na prática, ou seja, pelo exercício, contudo, eis a importância da Filosofia enquanto promotora da razão e provocadora de discussões. A Filosofia, caminho para a sabedoria e, conseqüentemente, meio para uma vida feliz, como contribui Epicuro, “nem [deve] o jovem adiar o estudo da filosofia, nem o velho começar a dele se cansar”. (Ibidem). Quando o filósofo destaca a prática da vivência da sabedoria, chama a atenção para que, por exemplo, não se viva amizades de fachada ou sem seriedade nas relações, mas que essa amizade, por exemplo, seja de fato cultivada, regada e vivenciada, haja vista, serem esses compromissos e virtudes para o filósofo, essenciais para que o homem alcance seu estado de bem-estar pessoal e social através da verdadeira amizade.

É certo que, ao chamar a atenção para que se viva uma vida feliz, o indivíduo precisará ver que, esse estado subjetivo é intrínseco a ele, ou seja, está dentro do próprio indivíduo e não extrínseco ao homem, bem como entender que os prazeres benevolentes são aportes para seu alcance e não os prazeres libertinos da vida. Portanto, valorizar a vida é de bom grado para Epicuro, pois o que foge a isso é vaidade. Diz o filósofo na carta a Meneceu “de fato, um regime alimentar simples e frugal traz o mesmo prazer para que uma dieta sofisticada quando a dor ligada à coerência é eliminada”. (2021, p. 141).

Para o também conhecido como, “Apóstolo da Amizade”, todo homem tem em si a semente da felicidade e, conseqüentemente, o direito de ser feliz é louvável ao indivíduo que, para que se viva uma vida pautada em bons sentimentos aprazíveis a alma, este não busque tal estado de bem-estar, nem em requintes e nem no luxo mais em si mesmo tendo a simplicidade como predicado do bom sujeito.

Talvez, inspirado pelo pensamento epicúreo, Leonard Thiessen disse que “a simplicidade é o mais alto grau de sofisticação”¹², contudo, pode-se dizer que, segundo Epicuro, faz-se mais que necessário exaltar a simplicidade enquanto caminho indispensável para que se alcance uma vida feliz na arte do viver. Partindo dessa reflexão, pode-se inferir que, uma boa amizade é aquela em que se pode confiar, tecer ideias, comungar em pensamentos e atitudes as quais possam significativamente serem diferencial no sustento de uma vida feliz em cada ser.

¹² Adaptação mais popular do pensamento da dramaturga Clare Boothe Luce.

É mister destacar que esse grau de consciência só é adquirido quando se compreende a realidade, daí a importância da Filosofia, da Sabedoria nesse processo de retomada da razão que os leva a perceber e ver que, esse estado de vida feliz a qual o homem deseja é uma felicidade que, além de individual, é própria e pertencente a cada indivíduo, ou seja, é intrínseca a ele.

Contudo, é a razão lúcida, fruto do pensamento filosófico e graças à sua vivência, sua ação que, só assim, tornar-se-á o homem capaz de alcançar esse sentimento subjetivo que já se encontra dentro dele, mesmo que, em potência, e não nos prazeres turbulentos ou no consumo demasiado de bens que erroneamente, segundo Epicuro, alguns homens a buscam. Diz o filósofo:

Portanto, quando dizemos que o prazer é o propósito da existência não nos referimos aos prazeres dos sentidos ou àqueles dos libertinos, como consideram certos ignorantes que discordam de nós ou nos entendem mal, mas àquele em que nem a alma se perturba nem o corpo sofre; com efeito, não são bebedeiras e banquetes contínuos nem o prazer dos sentidos que obtemos das relações com rapazolas e mulheres, nem aqueles concedidos por uma mesa farta guarnecida de peixes e iguarias de outros tipos que tornam a vida prazerosa; ao contrário, é o raciocínio sóbrio que busca conhecer as causas de toda escolha e de toda rejeição e que expulsa as opiniões que retêm as almas no maior tumulto. (2021, p. 143).

Para tanto, é preciso equilíbrio, uma vez que, o equilíbrio do espírito permite a descoberta de uma possibilidade real do poder ser feliz ainda nesta vida, e, que faz do indivíduo cheio de prazer refinado, aporte seguro na caminhada por sentimentos subjetivos tão essenciais ao homem, que busca nesse sentimento o principal objetivo da vida humana para os epicuristas, ser feliz! Até porque, no pensamento epicúreo, o indivíduo é seu principal arquiteto na construção de um terreno fértil para que se alcance sua própria paz de espírito, graças aos prazeres requintados. Isso porque para o “Profeta do Prazer”, o estado de felícia habita o próprio homem, porém é preciso sabedoria e virtude¹³ para enxergá-lo e torná-lo possível, conseqüentemente, cabe a esse homem distanciar-se o quanto antes de uma vida desregrada, próprio dos vícios e prazeres momentâneos.

¹³ Para Epicuro, virtude é aliada à sabedoria é a primeira e fundamental condição necessária da felicidade e a ela se deve o cálculo, a escolha e a limitação das necessidades, portanto, o alcançar da ataraxia (ausência de perturbação) e da aponia (ausência de dor, de sofrimento).

Ora, mesmo sendo o prazer necessário, este precisa ser pautado pela razão e moderação, até porque, para Epicuro (2021), o prazer é o bem maior da vida feliz. Diz ele na carta a Meneceu que é “necessário dar atenção àquilo que produz a felicidade”, uma vez que, “o prazer presente em tudo que fazemos consiste em evitar que o sofrimento quer o temor [...] o prazer é o princípio e o fim da vida bem-aventurada”. (2021, p. 129-139). Contudo, cabe ao homem, discernir e optar pelos prazeres duráveis e perenes, invés dos prazeres passageiros e efêmeros.

Destarte, para o filósofo proclamador do prazer obtido mediante a prática da virtude como o único bem superior do homem, é por meio da razão, da prática da Filosofia e pelo amor à Sabedoria que o homem encontra, dentro de si mesmo, seu tão apetecido desejo por uma vida feliz, e para tanto, percebe fazer-se necessário o equilíbrio do corpo e da alma para que se evite os prazeres que causem sofrimentos e dor e encontre no verdadeiro prazer condições de um estado de felicidade verdadeiro e duradouro.

Não obstante, caberá ao homem encontrar intrinsecamente, em si mesmo, o potencial de uma vida feliz e se fazer protagonista desta, isso porque, para o filósofo epicurista em destaque, o homem carrega dentro de si seu potencial para uma vida feliz que, uma vez encontrado, graças à busca pela Sabedoria, se fará preciso, apenas, cuidar e zelar para este cresça dentro dele, e proporcione bons resultados para um bem viver e bem-estar no âmbito individual, pessoal.

2.4 Sêneca em A Vida Feliz

Primeiramente, é lícito dizer que, para o filósofo estoico Lúcio Anneo Sêneca, a busca da felicidade é, na verdade, a busca da razão. Assim sendo, não muito distante do Epicurismo, a filosofia aqui é peça fundamental para que se alcance o estado de vida feliz, segundo Sêneca, uma vez que, a Filosofia é por natureza protagonista da razão que proporciona a possibilidade real do desenvolvimento de uma consciência crítica-reflexiva. Graças à razão, o homem feliz é mais que desejo ou temor, é, na verdade, paciente e cuidadoso com o corpo, com a alma e com a natureza. É, por assim dizer, cheio de qualidades e de virtudes.

Para Sêneca:

A felicidade é, por isso, o que está coerente com a própria natureza, aquilo que não pode acontecer além de si. Em primeiro lugar, a mente deve estar sã e em plena posse de suas faculdades; em segundo lugar, ser forte e ardente, magnânimo e paciente, adaptável às circunstâncias, cuidar sem angústia do seu corpo e daquilo que lhe pertence, atenta às outras coisas que servem para a vida, sem admirar-se de nada; usar os dons da fortuna, sem ser escrava a deles. (2021, p. 95).

Graças a razão e a Filosofia é visto que esta não está na riqueza, nem nos bens, isso tudo é, para ele, fonte de tristeza e infelicidade, pois acredita o estoico que o prazer das coisas passageiras como bens desnecessários, ambição, devassidão é na verdade a ausência do que deveria ser um ato racional. Contrário ao homem que busca agir pela razão e, conseqüentemente, com consciência, bem como, pelo respeito à natureza. Diz ele: “a sabedoria reside em não se afastar dela e adequar-se à sua lei e ao seu exemplo”. (2021, p. 95). Esse estado de felicidade é encontrado, vivido e contemplado pelo homem sábio, dotado de conhecimento, de consciência, de razão. Isso porque, para Sêneca é a consciência capaz de distinguir entre bem e mal.

A virtude é para ele um predicado que está ao alcance de todos, assim sendo, esse espírito ou estado em estar bem consigo mesmo é, na verdade, acessível a quaisquer indivíduos, porém o acesso a ele não é fácil. Para que torne acessível a paz de espírito, se faz necessário contemplar as virtudes, pois os prazeres são efêmeros e escravizam, uma vez que, as boas virtudes libertam. Contudo, estreitar os laços entre indivíduo e virtude é para Sêneca possibilidade real de se alcançar o equilíbrio entre o bem e o mal, uma vez que, para ele, a virtude é a própria paz interior. Assim diz o filósofo: “a virtude é algo de elevado, nobre, invencível e infalível.” (Idem, 100).

Para o filósofo Sêneca, esse estado de bem-estar é encontrado no mais íntimo do homem virtuoso, por isso acredita-se que, feliz é aquele que tem em seu íntimo virtudes que o elevam, assim sendo, para Sêneca a virtude além de ser desprovida do prazer, ela não necessita deste, a virtude é o que há de mais sublime no homem que busca alcançar o equilíbrio do corpo e da alma, sendo o caminho a “natureza”.

Ora, admitindo-se ser a simplicidade o último degrau da sabedoria, viver em consonância com a natureza é preciso, para que se tenha uma razão sadia, equilibrada, sã, principalmente quando é esse o caminho que leva às virtudes. Assim

sendo, o que foge dessa realidade apenas encontra momentos de prazeres efêmeros, uma vez que o prazer aprazível é duradouro o estoico. Na verdade, a paz de espírito e o equilíbrio do corpo e da alma para Sêneca são pautados nas virtudes, estas sim, libertam a alma e abrem horizontes para uma vida feliz.

Torna-se imperativo, portanto, compreender que, para haja uma vida com paz de espírito, faz-se necessário que esta seja pautada nas virtudes. Logo, agir virtuosamente é para Sêneca, fazer uso da razão, pois esta é que liberta e edifica o homem. Diz ele,

[...] feliz é quem entrega à razão a condução de toda a sua vida. Para tanto, ser feliz se faz necessário fazer uso da sabedoria que edifica e eleva o homem e vossa alma, uma vez que a sabedoria é indispensável à virtude, pois a virtude é algo de elevado, nobre, invencível e infatigável. (2021, p. 100).

A virtude, como diz o filósofo, é algo de elevado, nobre e infalível. Assim, faz-se necessário ao homem, voltar-se para si mesmo e praticar a autoeducação, pensar o já pensado e fazer-se capaz de praticar nessa vida as mais elevadas virtudes que cabem ao homem de bom coração, pois para o filósofo, consiste ao homem de bom caráter se fazer em todo momento e a todo tempo homem de virtudes elevadas. Contudo, ser feliz, para este, é questão de escolha e, para tanto, faz-se preciso cultivar a virtude em seu mais alto valor; buscar viver a vida com sabedoria e em plenitude; levar uma vida virtuosa e respeitosa à natureza; e, antes de mais nada, fazer uso da razão e ser protagonista de si mesmo quando o quesito for: ser feliz. Haja vista esse sentimento subjetivo já habitar o íntimo de cada homem.

2.5 Santo Agostinho e a Felicidade na Patrística

Foi através da apreciação à leitura da obra *Hortênsio*¹⁴, de autoria de Cícero, que Santo Agostinho “começou a crer que a filosofia lhe possibilitaria a felicidade que tanto procurava”. (1998, 112). Sendo a essa leitura atribuída por Agostinho de Hipona “sua conversão Cristã”. (2019, p. 46). Assim, o diálogo presente na obra *A vida feliz*,

¹⁴ É um diálogo filosófico de Cícero dedicada a seu amigo e orador Hortensius, datado de 45a.C e desaparecido ainda na Idade Média. Sobre essa obra vai dizer Agostinho, “sentir-me inflamado de tal amor pela filosofia que pensei em me dedicar a ela ser reservas”. (AGOSTINHO, 1998, p. 120).

diálogos os quais serão tomados por base para tratar sobre a felicidade segundo Santo Agostinho, levará à luz da transição, quer seja de época, quer seja de pensamento, uma vez que ele “conduzirá um diálogo em torno de um tema clássico e fundamental para a Antiguidade: a felicidade” a qual vai dizer o próprio não haver “vida feliz a não ser no perfeito conhecimento de Deus”. (Ibidem).

É essa paixão pela Filosofia que a tradição filosófica apresenta e que torna a sociedade capaz de trilhar caminhos bons, estes quase que em sua totalidade, se não em toda, conduz à felicidade. Assim acreditava Santo Agostinho que com maestria se fez aporte seguro nessa transição e discussão sobre esse tema, e, com isso, encarregou-se de conciliar religião e filosofia da Filosofia Antiga à Filosofia Medieval, a ponto de traçar um elo entre a consciência cristã e a razão filosófica e cientificista.

Santo Agostinho, traz à luz da razão o entendimento que as ações humanas devem tender a um “fim último”, se esse for desejo para o homem que almeja dias de paz interior, consigo, com o outro e com o Divino. É a esse fim último que ele chamou “bem supremo” que, segundo o filósofo medieval, é possível em uma vida futura. “Agostinho dirá que não existe, senão, uma vida que mereça ser chamada feliz: a vida futura”, uma vez que, “o viver em plena felicidade não é próprio desta vida mortal. Só o será quando aparecer a imortalidade... Sem a imortalidade não existe a felicidade”. (Idem, p. 113).

Para Agostinho de Hipona, é Deus o porto seguro capaz de proporcionar a verdadeira felicidade aos homens. É a presença de Deus na vida do homem garantia de vida feliz, sendo esse estado de felícia que chamou de dom de Deus na vida do homem benevolente e temente ao Bem Supremo. Portanto, para ele, buscar conhecer cada vez mais a Deus e aperfeiçoar-se nesse conhecimento é a maior certeza que o homem pode ter vida feliz. Com isso, se faz necessário ao homem caminhar à busca do “gozo do Bem absoluto e perfeito”, sempre. E com isso, assegura-nos Agostinho que, nesta vida se faz possível a felicidade quando, se e somente se, houver esperança. Diz ele, “a vida feliz sobre a terra é possível somente na esperança”. (Idem, p. 115).

A felicidade para Santo Agostinho não é algo perecível, passageiro,

[...] todos esses bens sujeitos à mudança podem vir a ser perdidos. Por conseguinte, aquele, que os ama e possui não pode ser feliz de modo absoluto [...] seria a pessoa infeliz pelo

fato de querer sempre mais [...], por conseguinte, estamos convencidos de que, se alguém quiser ser feliz, deverá procurar um bem permanente, que não lhe possa ser retirado em algum revés de sorte. (1998, p. 130).

É a esse bem permanente, eterno e imutável, que Santo Agostinho vai chamar de Deus, logo para ele, “quem possui a Deus é feliz!”. (Idem, p. 131). Diz Santo Agostinho, “se, pois, possui a Deus aquele que busca a Deus, faz a vontade de Deus” (Idem, p. 139), assim, “será feliz quem possui a Deus como amigo” (Idem, p. 140) e ser benévolo, uma vez que “a benevolência de Deus traz felicidade”. (Idem, p. 141).

Portanto, é indispensável a sabedoria na vida do homem. Diz ele, “concluamos, pois, que toda pessoa para ser feliz deve possuir sua justa medida, isto é, possuir a sabedoria”, (Idem, p. 155) que, na verdade, essa sabedoria a qual se refere o Bispo de Hipona é a Sabedoria de Deus, pois “justamente aprendemos pela autoridade divina, que o Filho de Deus é precisamente a Sabedoria de Deus (1Cor 1,24); e o Filho de Deus, evidentemente, é Deus. Por conseguinte, é feliz quem possui a Deus”. (Ibidem).

Para o filósofo, a certeza de vida feliz é, na verdade, a perfeita comunhão com a Trindade Santa,

Pois a perfeita plenitude das almas, a qual torna a vida feliz, consiste em conhecer piedosa e perfeitamente: - por quem somos guiados até à Verdade (o Pai); - de qual Verdade gozamos (o Filho); - e por qual veículo estamos unidos à Suma Medida (o Espírito Santo) [...] – Eis, sem nenhuma dúvida, a vida feliz, e essa é a vida perfeita. Tenhamos confiança que poderemos ser levados a ela, prontamente, graças à fé sólida, à alegre esperança e à ardente caridade. (1998, p. 156-157).

É no elo com o Divino que garantir-se-á o tão desejado estado de paz de espírito, graças a benevolência, complacência e a caridade que há muitos conduz ao amor a Deus e ao semelhante.

2.6 Tomás de Aquino: felicidade incompleta *versus* felicidade completa

Para o Aquinate é importante destacar que, ao discorrer sobre o tema, este abordado tanto na filosofia quanto na teologia é encontrado nas obras *Suma Teológica*

nas questões 3, 5 e 21, bem como, na *Suma Contra os Gentios*, livro III, capítulos 27, 32, 37, 48 e 63. Textos esses que abordam desde o conceito de felicidade (*eudaimonia*) pelo frei dominicano até mesmo a questão da felicidade enquanto fim último.

Assim sendo, sem pretensão alguma de esgotar aqui essa discussão, buscar-se-á apenas compreender, segundo Tomás de Aquino, o que é felicidade completa e felicidade incompleta. Até porque, para o filósofo, a Verdadeira Felicidade é impossível de ser alcançada nesta vida, ou seja, na dimensão terrestre, fazendo-se necessário a transcendência para tal fim. Logo, cabendo ao homem, apenas saborear um pouco desta na dimensão terrestre, se e somente se, este mesmo homem buscar viver uma vida virtuosa, tanto intelectual quanto moralmente falando. Afirma Tomás, “o dever moral é duplo: pois a razão dita que algo deve ser feito, seja como tão necessário que sem isso a ordem da virtude seria destruída; seja como útil para melhor manter a ordem da virtude”. (AQUINO. *STh* I-II, q. 99, a. 5.).

Contudo, pode-se dizer que, para o Estagirita, esse sentimento subjetivo nesta vida é passageira, visto que, a sociedade é formada por seres finitos, o que os impede de alcançar essa Máxima ainda nesta dimensão, sendo meros mortais os quais, infelizmente, muitos ainda a buscam na riqueza, na fama, no luxo, bem como, nas aparências, quando não na honra e nos prazeres, ou ainda, no exagerado consumo de bens ou serviços pelos quais nem sempre edificam o homem e sua alma, uma vez que nem a soberba, nem o orgulho, nem a inveja fortalecem nem o homem, nem sua alma.

Faz-se mister destacar que, esse estado de bem-estar que se realiza em partes aqui, na vida terrena, é apenas um norte com amostras grátis do que há de vir na transcendência que, nesta vida, é, apenas, concedida enquanto andarilhos em busca da Verdadeira paz de espírito. Assim, essa pseudo sensação, na verdade, nunca satisfaz o homem em sua totalidade, ou seja, não completa o sujeito, por isso é chamada de felicidade transitória, passageira, efêmera.

Graças ao poder de escolha que o homem tem, e que o diferencia de todos os outros seres da natureza é que, com virtude, inteligência e responsabilidade este pode escolher e buscar seus próprios fins. Qual seja aqui o mais importante, o Fim Último. (Idem, *STh* Ia-IIae, q. I, a. VIII). E, por que não chamar de felicidade completa, uma

vez que, esta encontra-se na contemplação face a face entre homem e Divino. Contudo, é o homem único ser dotado de razão e liberdade capaz de alcançá-la em outra dimensão e não nesta vida.

Ora, uma vez que, não é possível alcançá-la nesta dimensão, por fazer-se necessário para tal fim, transcender, é de bom grado ao homem que a busca, antes de mais nada, buscar viver uma vida pautada nas virtudes cardeais ou principais: prudência, justiça, temperança e fortaleza, (Idem, STh I-II, q. 61, a. 2), assim, como na beatitude, uma vez sendo a felicidade completa seu objetivo. Para tanto, é preciso se opor a todos os vícios e excluir de sua vida todo o mal que corrói a alma e destrói o homem, logo, se faz necessário despir-se dos prazeres que não edificam o ser, uma vez que, para o Doutor Angélico, essa contemplação ao Divino, consiste no Fim Último, porém convém admitir que a felícia, para Tomás, está para além desta vida.

Pois, para ele, é esse bem perfeito e infinito que, por consequência dos vícios desta vida, não se é possível alcançá-lo aqui, uma vez que, bem e mal não se completam e que, nesta vida terrena, enquanto seres finitos, o homem não está destituído das paixões, das doenças, da ira, da inveja, nem dos males que os assolam. Razões pelas quais não é possível usufruir em plenitude.

Haja vista, é preciso saber que para o Filósofo Dominicano, esse estado de graça transcendental é acessível a todos, ou seja, alcançar e contemplar o Fim Último é possível, porém se faz necessário uma vida de beatitude¹⁵, temperada e ordenada por um leque de virtudes mais a complacência e, graças a fé e a iluminação Divina pode ser contemplada face a face.

Destaca Tomás, “de início esforçar-nos-emos por evidenciar a verdade que a fé professa e que a mente submete a seu exame”. (1990, I. 9.). Assim sendo, sejam a razão e a fé meios indispensáveis na caminhada em busca da Bem-aventurança, e, seja a vida contemplativa essencial para tal fim, uma vez que, só a alma, e somente ela, enquanto substância espiritual e eterna, é capaz de desejar esse estado de satisfação completa, quer entendida como beatitude perfeita ou Fim Último, mediante a visão do Divino.

¹⁵ Bem-aventurança; estado de satisfação completa, perfeitamente independente das vicissitudes do mundo. (ABBAGNANO, 2000, p. 109).

2.7 René Descartes: o homem e suas virtudes

É decerto destacar que o conceito de felicidade de Descartes fenece o conceito grego antigo, quando este admite que esta encontra-se no indivíduo que faz da virtude sua máxima enquanto planejamento e modelo de vida, pois, para o filósofo, a virtude é diferente e esta não se confunde nem com o Bem Supremo e nem com o Fim Último.

Assim, para René Descartes é no contentamento e na tranquilidade intrínseca do indivíduo que habita este mais puro sentimento subjetivo, porém se faz necessário o homem viver uma vida virtuosa e “proceder da melhor maneira, isto é, para adquirir todas as virtudes”, (2001, p. 33), e a partir de então, praticar a virtude enquanto modelo de vida e buscar constantemente voltar-se para dentro de si mesmo e aperfeiçoar sua própria natureza.

Falar desse estado de subjetividade em René Descartes faz-se necessário diferenciar dois conceitos, primeiro, o que é a felicidade natural, e, segundo o que é a felicidade sobrenatural, pois quando compreende-se essa distinção, entender-se-á a necessidade de que o indivíduo aprimorará sua própria natureza para que este alcance esse tão desejado estado de felícia.

Entende o filósofo cartesiano que é neste esforço e aperfeiçoamento que o homem, com ajuda da Filosofia, compreenderá através do conhecimento da unicidade do corpo e da alma. Assim, compreender-se-á que a primeira está diretamente associada a natureza do ser humano e, que, assim, é possível nesta vida, enquanto que, a segunda consistirá na majestade divina enquanto contemplação e conseqüentemente em uma vida ou dimensão transcendental e não neste plano.

Por conseguinte, é esta para Descartes nada mais que o contentamento e a satisfação da mente. Ou seja, esta é, para ele, uma emoção da alma. E o caminho para que a alcance é, exatamente, o caminho da prática e da vivência das virtudes, pois, para Descartes, felicidade e virtude são coisas distintas, porém complementares como são a alma e o corpo. Logo, praticar e viver a virtude satisfaz e engrandece a alma que faz do indivíduo homem feliz, sendo esse estado subjetivo, o fim das ações enquanto homens, nesta vida.

Aqui, vale pontuar que, para René Descartes, todo homem tende à uma vida feliz, basta que, o homem tenha como principal objetivo de vida buscar viver na prática

suas virtudes e basilar seu modelo de vida com ações nobres que, em muito, edifica o corpo e a alma, pois para o filósofo cartesiano, esses atos consistem em bem-estar interior e paz de espírito, graças ao esforço empregado em se viver e praticar a virtude ou beatitude.

Como já explanado, é o exercício da virtude que encaminha o homem rumo a uma vida feliz, logo praticar a virtude e não medir esforços em usar o intelecto com o auxílio da Filosofia há de sempre convergir para o fim de boas e louváveis ações as quais tenderão a dar rumo àquele que faz da sua vida, exemplo de vida a ser seguido, haja vista ser, a prática da virtude e o constante exercício da mesma razão para um novo amanhã de tranquilidade e paz interior.

Assim, pode-se aqui, dizer que, segundo o filósofo francês, essa ideia de dever cumprido, de verdadeira satisfação interior do indivíduo é o que o legitima enquanto homem feliz e de paz interior, uma vez que, encontra no bem-estar, contentamento e satisfação. É, exatamente, esse estado de sentimento, de afeto que faz do homem ser agraciado enquanto vida feliz.

É esse verdadeiro sentimento de prazer em ser, viver e praticar a virtude que torna o homem feliz, uma vez que, ser feliz implica em agir corretamente, ter boa conduta, fazer-se homem de beatitude e praticante de ações virtuosas. Ser feliz para Descartes, é, antes de mais nada, estar bem consigo e estar com a consciência sã, bem, contente e satisfeita.

Para o filósofo da modernidade, é essa vontade que o homem tem de agir corretamente que o faz virtuoso e merecedor de uma vida feliz. É essa vontade tão própria de cada indivíduo que o torna ser potencial de virtudes aprazível, vontade essa que é própria, única enquanto poder de cada indivíduo. Assim, é a virtude o maior bem a ser alcançado por cada um que busca nesta vida ser feliz.

E, mais, esforçar-se por uma vida virtuosa só depende de cada um, da sua capacidade em buscar esta interiormente e não em fatores externos a satisfação, a paz interior. É nesse contexto individual e interior ao homem que se espera alcançar estado de satisfação, de bem-estar enquanto fim das ações humanas, e isso cabe a cada um, ou seja, ao próprio ser. Contudo, é a virtude cartesiana nosso fim último e por consequência é também este a felicidade.

Conseqüentemente, é visto por René Descartes que, a beatitude só pode ser alcançada pela prática da virtude, contudo, pergunta-se: qual a condição para se alcançar a felicidade cartesiana? Essa resposta pode ser encontrada na terceira parte da obra **Discurso do Método**, quando expõe:

A primeira é que sempre se esforce em fazer uso da sua mente da melhor forma que lhe seja possível, para conhecer o que deve fazer ou o que não deve fazer em todas as ocorrências da vida.

A segunda, que tenha um firme e constante resolução de executar tudo o que a razão lhe aconselhe, sem que as paixões ou seus apetites a desviem dela, e é a firmeza dessa resolução o que eu acredito deve ser entendida como a virtude...

A terceira, que considere que, enquanto se conduz dessa forma, tanto quanto possa, segundo a razão, todos os bens que não possui estão tão completamente fora do seu poder, tanto uns quanto outros, e que por esse meio se acostume a não os desejar... (2018, p. 44).

Depois disso, entende-se claramente que, a felicidade é possível quando o indivíduo fizer uso da razão com o ato do filosofar, bem como das suas próprias faculdades visando sempre o melhor. E assim, pensar o jeito pelo qual há de se seguir os apontamentos da razão e buscar viver com solidez e objetividade evitando assim a insegurança e o arrependimento, pois só assim será possível uma vida feliz segundo o filósofo francês René Descartes. Assim, a consciência e o contentamento de ter feito e vivido virtuosamente tudo e da melhor forma possível sem remorsos ou arrependimentos, “haja vista proceder da melhor maneira, isto é, para adquirir todas as virtudes, e junto todos os outros bem que se possam adquirir; e quando disso se tem certeza não se pode deixar de estar contente”. (2001, p. 33). Logo, vem a satisfação de que o que estava a seu alcance foi empregado o melhor esforço possível, sem nada deixar de ser feito, e a isto, é que se pode dizer o que é a felicidade cartesiana.

2.8 Thomas Hobbes e o protagonismo

Thomas Hobbes, na primeira parte de sua obra **Leviatã**, mais precisamente no Capítulo XI – das diferenças de costumes –, sinaliza que a felicidade não encontrar-se-á no homem contente apenas com o que já tem ou alcançou enquanto meta ou projeto de vida. Assim diz o filósofo: “devemos ter em mente que a felicidade desta

vida não consiste no repouso de um espírito satisfeito”. (1983, p. 37). O que leva a defender, segundo seus estudos que, esse estado de realização não repousa na primeira conquista de um projeto de vida do homem, mas que a cada nova conquista alcançada, naturalmente, surge, também, a necessidade de um outro novo projeto de vida, tendo em vista a necessidade de mais uma nova conquista, pois para o filósofo a sensação de bem-estar não se esgota aí. Diz:

A Felicidade é um contínuo progresso do desejo, de um objeto para outro, não sendo a obtenção do primeiro outra coisa senão o caminho para conseguir o segundo. Sendo a causa disto que o objeto do desejo do homem não é gozar apenas uma vez, e só por um momento, mas garantir para sempre os caminhos de seu desejo futuro. (Ibidem).

Compreender-se-á, aqui, que o contentamento está, na verdade, em cada planejamento idealizado, buscado e alcançado e que, graças aos sucessivos novos planejamentos ou projetos que o homem busca viver a cada um anteriormente alcançado, é o que o impulsiona para novos desafios em busca de novas realizações. Pois, como já dito, para Hobbes a “felicidade é um contínuo progredir de desejos de um objetivo a outro” (ibidem). Logo, se fazer feliz, ou viver uma vida feliz, faz-se necessário ter em mente sempre novos objetivos e constantemente vislumbrar novos horizontes a ser alcançado. Assim, se faz preciso sempre planejar e ter em vista o que é possivelmente ao homem alcançável, uma vez que seja as escolhas do homem a ele vantajosas e favoráveis.

Ora, buscar ser feliz, para o filósofo, é buscar incessantemente alcançar os objetivos já planejados e a cada conquista, novos desejos, novos objetivos sempre buscando alcançar novas vitórias e assim sucessivamente, pois acredita Thomas Hobbes que “não existe o *finis ultimus* (fim último) nem o *summum bonum* (bem supremo)” (ibidem), mas a impossibilidade de satisfações ao homem que se acomoda em sua ambição, e, conseqüentemente, seus novos projetos de vida, desejos e objetivos adormecem já na primeira, solidária e única conquista decretando este ser seu fim.

Ser feliz para Hobbes, é antes de mais nada, seguir em frente, mesmo quando o que foi idealizado já tenha sido projeto consumado. E mais, é esse seguir em frente com novos objetivos que o filósofo sinaliza enquanto bem-estar. É preciso ir sempre mais adiante, pois o sentimento pleno de ser feliz uma vez alcançado há de despertar novas expectativas, novos sonhos, novos desejos e novos projetos a fim de que se

encontre aí, em cada novo sonho o segredo para se fazer feliz e sentir-se feliz a cada nova realização ou meta alcançada.

Não sejam as barreiras encontradas no percurso desestímulo para a incessante busca desse tão nobre sentimento subjetivo, mas, antes de mais nada, sejam estas ensinamentos e forças para se buscar realizar ações pelas quais se encham e preencham-se o ego, renovando, assim, as forças necessárias para que se projete para o futuro e se busque cada vez mais almejar novas conquistas, novos sonhos.

Esse estado de estar feliz, satisfeito, realizado é sempre uma escolha que cabe a cada um, alcançá-lo ou não é próprio de cada indivíduo. Logo, ser e se fazer protagonista de sua própria história de uma vida feliz é mais que preciso, faz-se necessário. Portanto, o segredo é buscar, hoje, estar melhor que ontem e, amanhã melhor que hoje. É neste perpétuo e contínuo movimento que está, e, conseqüentemente, encontrar-se-á a felicidade segundo a Filosofia de Thomas Hobbes.

2.9 Bertrand Russel: prazer, crença e ciência

Falar da felicidade em Bertrand Russell se faz necessário, de antemão, ater-se à segunda parte da obra *“A conquista da felicidade”*, intitulada *“As causas da felicidade”*, de autoria do próprio filósofo, um dos mais influentes do século XX. A obra é fruto de narrativa de sua própria história, assim o autor faz claras e importantes considerações sobre o tema em foco, sendo sua própria experiência de vida feliz ou a busca por esse estado, o principal elemento constitutivo dessa sua produção acadêmica.

Assim sendo, a felicidade segundo Russell pode ser entendida de duas maneiras claras e distintas. Uma, como sendo essa acessível a todo e quaisquer indivíduos e a outra, enquanto possível apenas aos letrados¹⁶. Assim, diz o autor,

Existem dois tipos de felicidade [...] poderiam chamar de chamar-se normal ou fantasista, animal ou espiritual, do coração ou da cabeça [...] o modo mais simples de mostrar as diferenças entre esses dois tipos de felicidade é dizer que um deles se acha

¹⁶ Entenda-se letrado o indivíduo que sabe ler e escrever e que conseqüentemente responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita.

ao alcance de qualquer ser humano e que o outro só pode ser atingido por aqueles que sabem ler e escrever. (2017, p. 91).

O grande desafio aqui segundo Bertrand Russell é fundamentar esse estado, ou seja, se esta é ou não de fato, aplicável, justificável às duas maneiras apresentadas, na ocasião. Não obstante, o filósofo de Gales destaca o prazer enquanto sensação ou emoção aprazível do esforço pessoal e social das ações humanas para justificar, a priori, como causa necessária ao bem-estar e isso pode e deve ser buscado por todo e quaisquer indivíduos, uma vez que, segundo ele, os prazeres “naturalmente estão ao alcance das pessoas...”. (Idem, p. 92).

Para Russell, buscar no prazer, forças para se vencer desafios ou procurar enfrentá-los com coragem e maestria, e vencer as dificuldades que, naturalmente, podem aparecer na vida de todo e qualquer andarilho, em especial, aos dos séculos XX e XXI proporciona a qualquer ser essa sensação boa de ser capaz. Logo, pode-se e deve-se, a humanidade, pôr-se feliz, graças a sensação do dever cumprido.

Segundo o entendimento do filósofo, é prazeroso ao homem vencer obstáculos e derrubar barreiras, aniquilar empecilhos encontrados ao longo da jornada da vida. Esta, entendida como a busca do viver uma vida feliz, uma vez que, sentir-se bem ao superar as dificuldades encontradas ao longo da caminhada, é fundamental ao homem que busca uma vida feliz e cheia de sensações boas e positivas. Porém, assegura Russell que, para basililar essa sensação de prazer é preciso considerar algumas questões como a crença e a ciência. Diz ele, “entre os setores mais cultos da sociedade, o mais feliz em nossos tempos é o dos homens de ciência”. (Ibidem).

Assim, para esse filósofo, um dos mais influentes do século XX, o prazer em si tem conexão direta com as crenças e, por sua vez, essa tem com a ciência a qual conduz ou reconduz ao prazer que, assim como o rio encontra-se com o mar, formando uma imensidão de beleza aprazível aos olhos, este proporciona satisfação. Por assim dizer, graças à ciência que, por muitos, é respeitada e não negada, que a mesma, também se dedica à sociedade e conduz o indivíduo a um estado de consciência plenamente satisfeita, toda vez que, àquele que se alegrar com a sensação de ter dado conta do recado, mesmo quando deparado com desafios.

Exemplo claro disso, é, em pleno século XXI, dar-se destaque para o esforço dos pesquisadores e cientistas, bem como, seus respeitados conhecimentos

contemporâneos que, em plena Pandemia da Covid-19 no ano de 2020, em tempo recorde, desenvolveu-se, testou-se e aprovou-se vacinas capazes de reduzir sofrimentos e mortes, ou seja, o que não causa felicidade, levando contudo, as sociedades, as famílias, aos homens à plena satisfação e confiança a um estado de satisfação e respeito, talvez nunca antes visto e vivido pelos homens na contemporaneidade.

É graças ao prazer de vencer obstáculos, junto à dedicação de muitos cientistas em depositar seus conhecimentos na ciência que, o mundo todo está podendo ter o prazer de vivenciar tão genuíno sentimento de gratidão e contentamento coletivo. Eis aqui a primeira causa da felicidade defendida por Russell: a que todos podem e devem ser felizes. Este é o exemplo básico de que esse sentimento subjetivo pode se materializar no cientista ou naqueles que, pelo menos, acreditam, defendem e confiam na ciência. Assim infere Bertrand Russell que, estes cientistas, por exemplo, “são felizes em seu trabalho porque a ciência do mundo moderno é progressista e poderosa e porque ninguém duvida de sua importância – nem eles nem os leigos”. (Idem, p. 93).

Faz-se preciso aqui, perceber o elo existente entre o prazer, a crença, a ciência e a felicidade, propriamente dita. Assim, pode-se, até o presado momento dizer que, chega-se ao desenlace que o prazer é aporte necessário ao bem-estar se, e somente se, for capaz de acordar no homem, no indivíduo, no cientista e no artista da vida o verdadeiro dom da criatividade, da inventividade, do talento e da inteligência. Haja vista ser fundamental criar, inventar e inovar para se trilhar o caminho da plena satisfação e contentamento. Diz Russell:

Na vida do homem de ciência cumprem-se todas as condições da felicidade. Ele exerce uma atividade em que aproveita ao máximo suas faculdades e consegue e consegue resultados que não parecem importantes apenas para eles, mas também para o público em geral”. (Ibidem).

Decerto, Bertrand Russell deixa entender que há caminho para que se alcance esse estado de satisfação, porém destaca o filósofo que a cooperação entre os homens é fundamental para isso. É preciso se aliar na busca por uma vida mais plena de bons desejos para que esta se concretize, e mais, é necessário associar-se uns aos outros para que a felicidade seja alcançada e desfrutada por todos. Afirma Oliveira: “A cooperação é a forma de interação social na qual diferentes pessoas,

grupos ou comunidades trabalham juntos para um mesmo fim”. (2004, p. 30). Isso faz lembrar da importância dos estudos filosóficos-sociológicos, já tão bem debatidos e estudados como é o caso da associação e cooperação¹⁷. Corroborando com Russell, ratifica ARANHA, “a ciência se encontra inextricavelmente envolvida na moral e na política e o cientista tem uma responsabilidade social da qual não pode abdicar”. (2003, p. 161).

É a felicidade, então, um misto de prazer, crenças e desafios que somados ao gosto pela vida há de possibilitar o caminho para uma vida feliz. Vida essa que precisa ser desejada e buscada. Para o filósofo e sociólogo do século passado, Bertrand Russell, é exatamente nessa busca externa, na trilha do caminho por qualidade ou estado de bem-estar que, a maioria dos homens encontram em si mesmos a possibilidade de fazerem-se felizes, graças aos desafios que enfrentam e o desejo de vencê-los. Assim, o gosto pela vida, o sentir-se querido, aceito e amado por outros, faz o homem reconhecer-se enquanto homem bom por natureza e por consequência se faz homem feliz.

Aqui se recobra de importância o sentimento de alteridade que se faz necessário a esse homem que se reconheça e reconheça através da afeição ao outro uma real possibilidade de ser e de fazer o outro feliz. Partindo desse entendimento, tanto a alteridade quanto o altruísmo, assim como, também, a fraternidade cabem bem neste homem que além de considerar o outro, se preocupa consigo e com os demais. E mais que isso, coloca-se de forma simbólica no lugar do outro através do respeito e da convivência social sem interesses próprios ou particulares. É esse cuidado de um para com o outro que fortalece o amor e o respeito e se alça voos mais altos em nome do contentamento e do bem-estar pessoal e social.

De forma sucinta, a escolha em ser feliz depende diretamente do esforço de cada um em acreditar e ir em busca dessa opção de vida, pois esse subjetivo sentimento tanto encontra-se extrínseco quanto intrínseco ao homem. E mais, para tal, faz-se necessário sonhar, planejar e acreditar no amanhã, e, assim, buscar concretizar planos por mais difíceis que sejam, pois a vida feliz, segundo Bertrand

¹⁷ “No grupo social ou na sociedade como um todo, os indivíduos e os grupos se reúnem e se separam, associam-se e dissociam-se. Assim, os processos sociais podem ser associativos e dissociativos. Os processos associativos estabelecem formas de cooperação, convivência e consenso no grupo”. (2004, p. 29).

Russell, depende diretamente do potencial e da importância que cada um atribui a sua busca. Além de seguir com entusiasmo e confiança, vencer obstáculos e dedicar-se com afinco aos projetos e planejamentos da vida pessoal e social é o maior incentivo que cada indivíduo deve ter quando o assunto é dias melhores, hoje mais que ontem e amanhã mais que hoje. Assim, para todo àquele que buscar atender da melhor forma as demandas sociais em nome da felicidade sua e de outros a alcançará.

3 A FELICIDADE EM BAUMAN: UMA APRECIÇÃO “A ARTE DA VIDA”

No contexto atual, frente ao conceito de modernidade líquida baumaniano, falar de felicidade é lido como sinônimo de autoajuda. Para tanto, o grande desafio neste segundo capítulo será responder à pergunta: Em tempos de modernidade líquida é possível alcançar definitivamente a felicidade? De forma categórica, acredita-se que sim, haja vista a possibilidade de se irromper a lógica imediatista do consumo. Para tanto, basta-se-á, o entendimento a partir do problema da felicidade em Bauman: uma leitura a partir do livro **A Arte da Vida**.

3.1 Consumismo e Identidade

“O que há de errado com a Felicidade?”. Buscar responder, primeiramente, a essa questão introdutória da obra **A Arte da Vida** é, antes de mais nada, buscar compreender o que é esse sentimento subjetivo a partir de pressupostos teóricos¹⁸ e concepções sobre essa ideia. Para tanto, admitir-se-á, por assim dizer, corroborando com Zygmunt Bauman que, esse estado subjetivo de vida, inerente a quaisquer homens, perpassa necessariamente pelo planejamento de vida em busca por vivências que proporcione a ele, vida feliz. Ou, como diz o professor da Escola de Ciências Sociais da University of East London, Michael Rustin, a busca por esta tem tornado sociedades mais ricas, porém, essa riqueza, em nada assegura uma relação direta com a mesma. Rustin infere que, sociedades como a nossa, movida por milhões de homens e mulheres em busca por esse tão singelo sentimento, estão se tornando mais ricas, mas não está claro se estão se tornando mais felizes, na verdade.

Talvez, o que há de errado nessa busca desenfreada por vida feliz, seja a ausência de projeto de vida que, uma vez não existindo, tender-se-á ao fracasso, frente a necessidade do planejamento e (re)planejamento de modelo de vida, pois como nos assegura Rustin, riqueza nunca foi sinônimo de vida feliz. O dinheiro, na verdade, não garante esta, uma vez que, riqueza e felicidade, aparentemente, são opostas e não sinônimos. Se a relação entre esses dois fatores for analisada ver-se-

¹⁸ Platônicos e Aristotélicos, bem como, Agostinianos, Tomistas e modernistas.

á que, o dinheiro tem sido sinônimo de prazer momentâneo, capaz de transformar sentimento em algo palpável, concreto, para alguns, em vez de um estado, haja vista ser o estado de bem-estar um sentimento subjetivo do ser humano.

Em vez disso, na contemporaneidade, o dinheiro fomenta atitudes antiéticas, como a corrupção frente a crimes paralelos. A riqueza, infelizmente, tem sido, na verdade, a régua capaz de medir o fracasso, até mesmo, de políticas públicas, bem como, da busca pela promoção de um bem-estar pessoal e social, muitas vezes confuso, ou enganoso.

Uma vez, sendo esse sentimento subjetivo relacionado a dinheiro e aquisição de bens, em vez de uma concepção pertencente a subjetividade, abre-se aqui uma discussão: se caberia o Produto Nacional Bruto (PNB), ser então, indicador de crescimento ou declínio da felicidade? De certo, não, haja vista, não ser o dinheiro, a renda, o crescimento econômico indicadores responsáveis pelo estado de felícia do homem.

Por consequência, ou talvez partindo-se da concepção de que, mais labor é igual a vida mais feliz. Contudo, pessoas são acometidas com doenças tidas como o mal do século XXI¹⁹. Dentre essas estão as doenças psicossomáticas, antidepressivas, também tem merecido a atenção, a estafa, uma vez que a exaustão extrema e o esgotamento físico são frutos do excesso de trabalho, às vezes, motivada por uma desenfreada busca de um modelo de vida feliz imposta pela modernidade líquida.

Modelos de vida como estes, difundidos e propagados pela cultura da modernidade líquida²⁰, tem levado cada vez mais trabalhadores ao centro médico, haja vista, essa relação dinheiro versus vida feliz. Essa subjetividade enquanto bem-estar, quando materializada em bens de consumo, sucumbi todo e qualquer projeto de vida que visa mais qualidade vida. O bem-estar enquanto a ideia de um sentimento

¹⁹ Fala-se da Síndrome de Bournout que é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade; Depressão, doença psiquiátrica que afeta o emocional da pessoa; O transtorno de ansiedade generalizada (TAG) que é um distúrbio caracterizado pela “preocupação excessiva ou expectativa apreensiva”, persistente e de difícil controle e tende a perdurar por alguns meses.

²⁰ Aqui tida e entendida por Zigmunt Bauman como definição do tempo presente, de agora, também chamado de pós-moderno por alguns outros cientistas sociais. A associação com o líquido, para Bauman, vem do fato de que a sociedade atual seria, segundo ele, marcada pela liquidez, volatilidade e fluidez.

subjetivo, não tem preço no comércio de bens palpáveis. Logo, o trabalhador, o corpo social enquanto sociedade mesmo e o cidadão, precisam, antes de mais nada, retomar a consciência de que, a certeza de vida feliz, necessariamente, faz vínculo direto com mais dinheiro no bolso, anterior a essa visão, recobra-se de importância o homem enquanto ser de razão, uma vez que, faz-se necessário pensar e desmistificar essa falsa ilusão que a riqueza é necessária à felicidade, cultura essa tão bem massificada na modernidade líquida. Faz-se necessário perceber que, a saúde, o bem-estar pessoal, psicológico e social, frente à vida é mais importante.

Assim sendo, há estudos, segundo Michael Rustin, que afirmam: “o dinheiro até pode tornar nações mais ricas, mas, provavelmente, não mais felizes”, (2007, p. 67), e, por consequência dessa carreira desenfreada por mais dinheiro, para um maior consumo, na tentativa de inserir-se socialmente em algumas classes sociais, tem deixado homens e sociedades inteiras adoecidas. Assim, diz Bauman (2009), ao tratar do tema felicidade, afirma que o mesmo se encontra no campo da subjetividade humana e, que, em nada se relaciona com o consumismo de bens materiais para garanti-la. Entretanto, vive-se satisfações momentâneas de bem-estar, mas são efêmeras e, logo deixarão de existir à medida que novas necessidades surgirem.

Essa relação, que tende a ser estabelecida social e culturalmente, de quanto mais trabalho, mais dinheiro, logo, mais vida feliz é um tanto quanto perigosa, pois se a sociedade segue esse raciocínio, pode-se chegar a resultados como: mais dinheiro, felicidade, carros, acidentes de trânsito, vítimas, despesas e tratamentos médicos que podem ser iguais a mais mortes. Segundo Bauman, o professor e filósofo Jean-Claude Michéa, é influente nesse estudo, o qual, aborda essa temática relacionando a avaliação da felicidade, tendo por base o PNB, e foi visto que essa relação, “mede tudo, menos o que faz a vida valer a pena”, acusação de Robert Kennedy em busca de “fazer a vida valer a pena”, ou seja, apontar caminhos para, talvez, uma promoção à vida feliz encontrada em atos e ações simples e subjetivas no homem e na sociedade. (2009, p. 10-11).

Esses estudos apontaram que, o mercado de bens de consumo não condiz, necessariamente, com a busca de vida feliz enquanto sentimento subjetivo, talvez esteja aí o que há de errado na promoção desse estado subjetivo na pós-modernidade, pois, quando se trata de felícia enquanto sentimento subjetivo, nem o consumo e nem a economia são os responsáveis em promover essa, mais sim, causar

relações de competitividade face ao estado de liquidez, característica marcante de uma sociedade líquida moderna.

Vive-se uma sociedade marcada pela cultura do imediatismo, a famosa cultura do aqui e agora, do efêmero e passageiro, e por consequência, tida como aquela que “não sustenta por muito tempo as relações”, (2001, p. 13), tão necessárias aos homens. Ainda assim, essa vida feliz tão almejada por muitos, pode, sim, ser possível, mas não através de trabalhos exaustivos e até desumanos em nome do consumismo, mas através de planejamentos, projetos e estratégias de modelos de vida.

Na modernidade líquida, vive-se a cultura da modernidade líquida, a qual Bauman, muito chama a atenção. Nascimento & Silva acreditam haver uma saída para essa realidade, pois eles “acreditam ser possível fugir da lógica perversa do consumo pelo consumo através do cuidado de si e construir, a partir disso, indivíduos como obras de arte”. (2019, p. 115). Modernidade essa que, a todo momento é bombardeada pelas mais diversas produções midiático-publicitárias dos desejos, as quais, muito têm levado a viver o determinado, o imposto, o consumismo, o semear discursos ideológicos tão bem representados pelo poema *Eu Etiqueta*²¹, de Carlos Drummond de Andrade.

Assim, na tentativa de fuga de uma lógica perversa do consumo de “bens indesejáveis”. (2004, p. 9). Bauman nos disse acreditar, em outras palavras que, o

²¹ *Em minha calça está grudado um nome / Que não é meu de batismo ou de cartório
Um nome... estranho.
Meu blusão traz lembrete de bebida / Que jamais pus na boca, nessa vida,
Em minha camiseta, a marca de cigarro / Que não fumo, até hoje não fumei.
Minhas meias falam de produtos / Que nunca experimentei
Mas são comunicados a meus pés.
Meu tênis é proclama colorido / De alguma coisa não provada
Por este provador de longa idade.
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro, / Minha gravata e cinto e escova e pente,
Meu copo, minha xícara, / Minha toalha de banho e sabonete,
Meu isso, meu aquilo.
Desde a cabeça ao bico dos sapatos, / São mensagens,
Letras falantes, / Gritos visuais,
Ordens de uso, abuso, reincidências.
Costume, hábito, permência, / Indispensabilidade,
E fazem de mim homem-anúncio itinerante, / Escravo da matéria anunciada.
Estou, estou na moda.
É duro andar na moda, ainda que a moda / Seja negar minha identidade,
Trocá-la por mil, açambarcando / Todas as marcas registradas,
Todos os logotipos do mercado.
Com que inocência demito-me de ser / Eu que antes era e me sabia
Tão diverso de outros, tão mim mesmo, / Ser pensante sentinte e solitário
Com outros seres diversos e conscientes / De sua humana, invencível condição. [...]*

melhor caminho para a busca da felicidade está nos bens que o dinheiro não pode comprar, que são exatamente os bens subjetivos, como o amor e os valores sociais, ético-morais, pois essa satisfação encontrada na aquisição, apenas, de bens materiais é momentânea, passageira, fruto apenas da arte de consumir. Logo, esta não deve estar baseada em sensações de consumo momentâneo, deve ser buscada a longo prazo, com planejamentos e estratégias de vida. Assim, afirma Bauman que “a felicidade não deve ser entendida como um adjetivo instantâneo”, (Idem, p. 94), em nome da economia de tempo, uma vez que, o homem é levado a correr contra o tempo. Contudo, não cabe viver, nem disseminar, a cultura desenfreada do aqui e agora, do efêmero, da moda estabelecida, dita e difundida pela modernidade líquida.

Como diz o poema “Eu Etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade, corroborando com esse conceito de liquidez, socialmente o indivíduo é legitimado pelo que ele veste, situação essa que leva o cidadão à perda de sua identidade²², perda essa também analisada por Bauman, alertando o indivíduo a se fazer e ser promotor de seus processos identitários, e conseqüentemente, passar a ser visto, por uma sociedade líquida, não como meras marcas, logotipos, etiquetas, em uma cultura líquida-moderna, frustrada, frente a incessante busca por uma consciência crítica-reflexiva e humanista.

Para o filósofo e sociólogo, Zygmunt Bauman, o caráter quanto a identidade social deve ser, na verdade, uma das preocupações frente a uma sociedade consumista, até porque, em um mundo onde os outros são quem legitimam o eu, faz do homem um tanto quanto perdido em busca desse sentimento subjetivo em ser feliz, uma vez que, na pós-modernidade, segundo o próprio Bauman,

enfrentamos o desafio da manipulação líquido-moderna, contudo, como pertencentes a essa sociedade em constante transformação, a demora na satisfação é reconhecidamente o mais penoso dos sacrifícios para quem se encontra nos ambientes em rápido movimento e em rápida mudança característica de nossa sociedade-líquido-moderna de consumidores. (2009, p. 26).

E mais ainda,

se a felicidade está permanentemente ao alcance, e se alcançá-la leva apenas os poucos minutos necessários para folhear as páginas

²² Mesmo aqui considerando o conceito do Sociólogo Stuart Hall para o sujeito pós-moderno, que para ele é um sujeito sem identidade fixa ou essencial. O que corrobora com Bauman quando este defende uma identidade móvel e em constante mudança, haja vista a diversidade cultural a qual é possível em uma modernidade cada vez mais líquida.

amarelas e secar o cartão de crédito, então obviamente, um eu que não consiga atingir a felicidade não pode ser 'real' ou 'genuíno', mas antes uma relíquia da indolência, ignorância ou inépcia - senão dos três em conjunto. Esse eu devo ser uma imitação ou uma fraude. (Idem, p. 27-28).

Assim, a busca pelo bem-estar alcançável nos desejos, atos e ações, mesmo que, no campo da subjetividade, deve ser o motivo maior para se viver o bem em busca por uma vida pautada na realização própria do eu e de outros, mesmo que, para isso, sejam exigidos esforços coletivos maiores em trabalhar o eu emocional, cultural e social buscando, assim, na autodescoberta e na autenticidade da própria identidade, o combustível necessário para dias melhores, principalmente quando parece a identidade ser uma conquista e não um atributo. Para Bauman, "a chave para felicidade e o antídoto da miséria é manter viva a esperança de ficar feliz" (Ibidem), mesmo que, para isso, se faça necessário enfrentar o recomeço, pensar no já vivido, descartar o imposto economicamente e recomeçar com uma consciência crítica, reflexiva e humanista.

Para o filósofo, o compromisso para com um bom projeto de vida não deve ser momentâneo, mas sim, uma constante, não só de planejamento mais de replanejamento, também, principalmente quando o propósito em ser feliz exige, antes de mais nada, negar imposições culturais, políticas, e sociais que, devido ao processo de globalização, do contrário, tem-se avançado rapidamente, fragilizando identidades, povos, culturas, anseios e desejos por dias melhores, mesmo que árduos, porém nunca impossíveis.

No tocante, o questionamento: "O que há de errado com a felicidade?", é plausível dizer que, não é possível dissociar do homem o pensamento crítico, o ato de reflexão, sua ação própria e humanista que leva ao estado de felícia, pois caso haja essa dissociação, há uma propensão, sim, a encontrar os erros, e não o caminho, para uma vida feliz, até porque, nota-se o bem-estar, assim como autor, na autonomia e no protagonismo do sujeito e não na submissão a uma modernidade fluida.

A felicidade está nos projetos de vida desejados, pensados, e (re)planejados com uma visão crítica, reflexiva e humanista e não no que outros pensam e planejam para e por você, negando capacidades, culturas e identidades de um povo, frente à ditadura do consumo, haja vista ser a felicidade fruto do protagonismo individual.

Assim, admite-se aqui a possibilidade de que, cada um pode alcançar a felicidade que busca para si, segundo seu projeto de vida pessoal, e, é esta para cada um à sua medida, idealizada, planejada e buscada.

A determinação em querer e fazer acontecer, deve ser maior que qualquer PNB ou produção midiático-publicitária de um marketing comercial. Frente a tantas possibilidades contrárias, pensa Hanna Buczynska, ser “preciso resistir ao momento” (apud BAUMAN, 2009, p. 34), ao imposto e pensado por outros. É necessário autocontrole e confiança, pensar no já vivido e planejar o presente e o futuro com mais afinco e, plenamente convicto da possibilidade da promoção por dias melhores nesse novo início, como diz Bauman, por mais “que a felicidade ‘genuína, adequada e total’ sempre pareça residir em algum lugar à frente: tal como o horizonte que recua quando se tenta chegar mais perto dele”. (Idem, p. 37). Assim, para Bauman, trilhar na direção de ter-se-á vida feliz é uma constante, e, continuar buscando alcançá-la é preciso.

3.2 Convergência ou Divergência entre Bens e Desejos?

Como visto, o estado de bem-estar não está agregado a bens materiais e de altos valores, mas nas coisas simples e no desejo pelos quais aumentam o sentimento de felicidade. É na autodoação agregadora de desejos, boas sensações e sentimentos que, por consequência, se materializam na ação e na prática da doação, o que, de fato, torna o humano útil ao coletivo, proporcionando, assim, prazer pessoal e socialmente falando. No entanto, é preciso se deleitar lentamente frente às próprias criações, atos de generosidade e caridade, para que, os bons sentimentos e a satisfação possam, assim, serem encontrados, vividos e, também, contemplados por si e por outros.

Em uma modernidade líquida, não cabe deixar que o bem-estar social seja apontada por um índice do PNB, uma vez que o não impulso do auto sacrifício em negar o desenfreado consumo de bens, seja o combustível do mercado do lucro. Esse índice, uma vez, relacionado ao trabalho, dinheiro e consumo apresenta-se, apenas, como um indício elementar no tocante à busca da vida feliz, e, tido aqui, no entanto, como possibilidade de indicador ilusório, indutor de sentimentos momentâneos por deveras manipuladora e inconsistente à satisfação humana.

Assim sendo, o estado de felícia parece-nos florescer, também, em ambientes de relações humanas intensas e íntimas, e de forma mais raro, em ambientes de consumismo exacerbado e desenfreado de bens. Pois, é no desejo por vidas felizes e na cooperação entre os indivíduos que está um dos caminhos mais viáveis para que, se alcance a busca por tão almejado sentimento subjetivo, exatamente àquele que, em grande parte, infla o ego e a auto estima, contribuindo e trazendo sensação de responsabilidade, cuidado e respeito a si e ao outro.

Ter consciência que, entre o PNB e a busca do consumo desenfreado pelo bem-estar há um vínculo íntimo e visível da produção midiático-publicitária. Pois, não é à toa o propósito das disposições e atrativas vitrines das lojas dos “*Shopping’s Centers*”, assim como, suas estratégicas iluminações e acústica, capazes de privar os sentidos humanos, anulando as tão necessárias sensibilidades humanas frente à lucidez, como a perda da noção de tempo.

Propositalmente, seus pisos escorregadios induzem à caminhada lenta, inclusive colocando em risco o equilíbrio e a saúde física, tudo para apresentar essa proposta de bem-estar materializada que o capitalismo expõe e impõe em tempos de liquidez, produtos, bens e serviços muitas vezes desnecessários, segundo Bauman, “o ato de descartar e jogar no lixo é a verdadeira paixão do nosso mundo”. (2010, p. 40-41). Fruto de um consumo descomedido, no qual a compra, é usada como placebo para tristeza e a nova compra sirva apenas para sair da exposição “*shopping*” e passe para a exposição “*close*”.

Essa “felicidade” de vitrine, caracterizada como líquida, passageira, temporária é, exatamente, aquela que não preenche, mas que, momentaneamente engana, conhecidamente dita e compreendida por Bauman como sendo o “consumo gerador de felicidade com o consumo dos objetos e serviços postos à venda nas lojas”. (2009, p.18). Assim, a mídia e o marketing, à serviço do PNB, tem seu papel infeliz de promoção o prazer momentâneo, estado esse que engana, corrompe e até desequilibra a saúde mental de sociedades inteiras, tendenciosas ao consumo desenfreado de bens como preenchimento de “*gaps*”²³ ao real estado de satisfação a que deveria ser subjetivamente vivido e contemplado nos gestos simples de ser e se fazer, em vez do ter.

²³ Termo inglês que significa um distanciamento; afastamento, separação, uma lacuna ou um vácuo.

O bem-estar, ou pelo menos sua busca, não se esgota em uma aquisição de um bem de consumo, nem mesmo em atingir um estado consciente, como assegura Bauman:

Na pista que leva à felicidade, não existe linha de chegada [...] o único campo disponível em relação ao caráter esquivo do sonhado e ambicioso estado de felicidade é permanecer no curso; enquanto se está na corrida, sem cair exausto nem receber um cartão vermelho, a esperança de uma vitória futura se mantém viva. (2009, p. 19).

Infelizmente, sabe-se que o mercado, em consonância com a propaganda e o *marketing* midiático²⁴, age exatamente ao contrário, levando o corpo social a ver, nos bens materiais, desejos subjetivos. Perpetuando, assim, a ilusória busca pelo verdadeiro e puro sentimento subjetivo. Exemplo disso são as constantes atualizações dos bens duráveis, como os celulares. Essas rápidas atualizações de modelo de celular, por exemplo, são a prova viva desta desleal briga entre a convergência ou divergência de bens versus felicidade, frente ao impulsionamento do consumo, herança da Escola de Frankfurt.

Nas décadas de 80 e 90 era lançado um modelo de automóvel, apenas uma vez ao ano, com o crescimento constante da cultura de consumo e mudanças rápidas, e, por consequência, líquidas, hoje, as atualizações do mercado automobilístico têm contribuído nesse quesito, pois, no mínimo, duas vezes ao ano há mudanças quanto ao modelo de um automóvel, e mais, sem alterações significativas para a segurança do condutor, passageiro e transeunte, sendo essas mudanças, na maioria das vezes, reduzida à estética, a pura aparência, resumindo-se a alteração do modelo de lanterna, painel e muito pouco à segurança, um exemplo disso são possíveis falhas produzidas em série de possíveis problemas em “*airbag*”, o que tem aumentado o número de “*recall*”²⁵ dos meios de transportes terrestres, tudo para induzir o consumidor, levando aquele que comprou o veículo da mesma marca no início do ano, a trocar, já no meio ou final do mesmo ano, quando, não obstante, trocar no início do

²⁴ Aqui traçando um paralelo com o a contribuição da Escola de Frankfurt e sua Indústria Cultural desenvolvido no século XX pelos pensadores Theodor Adorno e Max Horkheimer, os quais, traçaram como objetivo desta, seguir a lógica do capitalismo industrial e financeiro, buscando assim, padronizar e homogeneizar os produtos, para que possam ser consumidos pela maioria das pessoas, seguindo assim, um padrão pré-estabelecido para o consumo imediato.

²⁵ Comunicado, chamamento do fornecedor a clientes para procedimento(s) no bem ou serviço, de forma gratuita, a fim de sanar defeitos encontrados, buscando assim, proteger e preservar vidas, saúde, integridade e segurança.

ano seguinte seu bem que, contraditoriamente é chamado de “bem durável”. Tudo isso porque, para o *marketing*-midiático e o setor automobilístico, este já se encontra desatualizado, obsoleto.

E mais que isso, pode-se ver esse consumidor atraído, e até mesmo obrigado à troca, pois se assim não o fizer, a desvalorização induzida pela estratégia de venda do mercado, levando em consideração outros modelos já lançados, fazendo com que, o carro de único dono, bem conservado e útil, em sua grande maioria, passe a ser visto pelos olhos de seu proprietário e demais consumidores, “sem brilho” e pouco atrativo para compra e venda, uma vez que, comercialmente, segundo a tabela FIPE²⁶, o veículo, devido a novos lançamentos, passou a ser visto e tido como velho, não servindo mais à sociedade de consumo compulsiva.

Pergunta-se, nesse caso, estaria o marketing, a mídia e a publicidade a serviço do consumidor e de sua segurança ou a serviço de um mercado promotor de uma felicidade momentânea? Corroborando com Bauman, Nascimento & Silva vão dizer que “a publicidade trabalha com os anseios e desejos transformando determinado produto na peça que falta para alcançar “*status*”, aprovação social e felicidade”. (2019, p. 130). A verdade é que, o *marketing* tendencioso sempre esteve presente e preocupado em atender apenas aos interesses do mercado e pouquíssimo voltado ao consumidor crítico, reflexivo e humanista.

Esse sempre foi “escravo” tendencioso a uma promoção instantânea e momentânea da venda em de uma sensação de prazer ilusória, sucumbindo até a credibilidade do consumidor enquanto pessoa, levando-o, muitas vezes, a descredibilizar seu próprio gosto ou poder de decisão e escolha, assim sendo, na maioria das vezes, vítima da cultura do consumo²⁷ desenfreado de bens, inconsciente e influenciado, próprio de uma liquidez social, ou seja, aquela que se transforma diariamente, tomando as formas que o mercado a leva a tomar, sem levar em conta a necessidade e a valorização de elaboração de projetos de vida. Como diz Zygmunt Bauman, “na modernidade ‘líquida’ mandam os mais escapadiços, os que são livres para se mover de modo imperceptível”, (2001, p. 153), o que são poucos em uma modernidade fluida.

²⁶ É a tabela tida como referência de preços a qual mostra, mensalmente, os valores médios para cada modelo e ano de carro comercializado no Brasil.

²⁷ Aqui entendido enquanto conceito de Industria Cultural objetivado pela Escola de Frankfurt.

3.3 O Perigo Frente a Busca por *Status Social*

Para Bauman, o dinheiro, como bem explica o autor quando vai em sua obra explanar sobre as misérias da felicidade, é denominado como sendo sentimento feliz na modernidade fluida, “ou melhor, a esperança de felicidade que é felicidade. Ou pelo menos se imagina e se espera ardentemente que assim seja”. (Idem, p. 38). Eis aqui o consumismo, o dinheiro sendo legitimado como esse sentimento, como explicita o autor. Contudo, o mesmo alerta para o afastamento dessa lógica consumista e contrapor-se à compra.

Assim sendo, em tempos modernos ou, por que não dizer, em tempos de modernidade líquida, essa noção, segundo Bauman, perpassa “por lojas, restaurantes, salões de massagem e outros locais em que se pode gastar dinheiro”, (Idem, p. 39), deixando de lado, quase que escantilhada as riquezas subjetivas encontradas na valorização do outro, do humano em detrimento dinheiro.

Vive-se em uma sociedade líquida, na qual a amizade, o zelo e o cuidado, por exemplo, deram lugar ao consumo e a ostentação, tendo sido o poder econômico agregado à índole de a outros humilhar e com grande sarcasmo provocar inveja, seja por ser possuidor de um tênis caro, seja por ser detentora de um vestido de doze mil dólares, ou por ter um carro do ano, onde os relacionamentos parecem não se construir de forma sólida, segundo o autor.

Visivelmente, mostra-se nesse conceito de sociedade líquida que, os sujeitos economicamente abastados se veem privilegiados socialmente, a ponto de ignorar pessoas, vidas, histórias de classes sociais inferiores. A verdade é que, a humanidade está no vigésimo primeiro século da Era Cristã, o qual parece que, quanto ao conceito de cristão, muitos não se enquadram ou se quer encontram a si. Haja vista, as pessoas parecerem estar, cada vez mais, distantes de alcançar esse estado tão nobre que é ser feliz, não feliz por, simplesmente, estar encontrando na aquisição de bens tal sentimento, mas por encontrar nas coisas simples do dia a dia esse sentimento.

Religiosamente falando, há um norte no qual muitos se apegarão em busca desse sentimento subjetivo que, segundo a Bíblia Sagrada é possível de se alcançar e em conjunto vivenciar a cada novo amanhecer, e estar nos seus Dez Mandamentos cristãos, sendo um deles essencial, mas não menos importante que os demais, qual

seja, o segundo que diz: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. (Matheus 22: 37-39).

Assim sendo, como buscar ser feliz se, para muitos, esse estado subjetivo, essa condição está para além das relações, e, mais, por muitos, encontrada, quase que sempre, quando não, apenas no dinheiro, nos bens ou à disposição nas lojas dos *Shopping's Centers* que, muitas das vezes leva o homem a crer que vive em outro mundo.

No campo da subjetividade, na buscar de ser feliz, é um tanto quanto contraditório ver que, enquanto uns ostentam bens, riquezas materiais, outros veem e participam todos os dias do crescente número dos desempregados, do aumento da fome e da parcela de miseráveis que, à margem da sociedade buscam a todo custo, viver com dignidade e se fazer menos invisíveis à outros, mesmo que estes já tenham tido sua real dignidade ceifada e seus direitos básicos de cidadãos ignorados, segundo pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)²⁸.

Grande parte dessa sociedade-líquida-moderna capitalista e globalizada, vive tempos sombrios, pragmáticos e excludentes. Os poucos cidadãos mais ricos se jugam com mais posses e muitos se dizem felizes e fecham-se como que em clã, a ponto de excluir ou de incluir, socialmente falando. A esse respeito diz Bauman: “esse tipo de êxtase e outros semelhantes combinam o sentimento de pertencimento a uma categoria exclusiva”, (2009, p. 39), que em tempos de hoje sucumbi, nega, sepulta àquele que não pertence à parcela abastada da sociedade. Exclusividade essa perigosa, principalmente quando o sentimento de exclusão versus o sentimento de pertença pode despertar no outro o sentimento de inutilidade e a sensação de muito fazer e nada conseguir, sensação essa popularmente falando de “nadar, nadar e morrer na praia”.

Esse sentimento de exclusão, pode, inclusive ser fator originário, ou dar margem, para que o marginalizado socialmente, opte por trilhar pelo errado frente a pressão social que sofre, ou seja, busque adquirir bens de forma ilícita, talvez na tentativa de se inserir socialmente a uma pequena parcela economicamente

²⁸ O número foi de 31% no ano, o que corresponde a cerca de 31.884 pessoas. Em 2020 eram 24.344 pessoas, entre fevereiro e março de 2021, havia pelo menos 221 mil pessoas em situação de rua. (Ipea 21 de fev. de 2022).

privilegiada e com *status* social aceito na sociedade líquida, e, por consequência, detentor de poder, prestígio e reconhecimento social.

Não que atos como esses sinalizados sejam legítimos, mas que seja em algum momento de sua vida, o “*insight*”²⁹ do jovem de subúrbio, desprovido de base familiar, a quem muito lhes é negado pelo Estado, quase que diariamente, seus direitos básicos de cidadão como moradia, educação, alimentação, esporte e lazer, por exemplo, levados pelo desejo de reconhecimento social, legitimados pela marca do tênis que usa, da calça ou do vestido que precisam para tal aceitação social, tenderem para o caminho mais fácil, qual seja, a vereda do crime, do ilegal, do antiético, em uma tentativa de ser aceito, reconhecido ou respeitado socialmente.

Ora, se o dinheiro é tido como privilégio social e se este torna os mais ricos felizes e poderosos já não se sabe. O que é fato, para Bauman, é que “essa maneira de alcançar o estado de felicidade só fica a meio caminho do sucesso, na melhor das hipóteses: as alegrias momentâneas que ela traz se dissolvem e logo se dispersam na ansiedade de longo prazo”. (2009, p. 40). Assim, é mais que louvável dia a dia, graças a um projeto de vida bem elaborado, caminhar-se em busca de um bem-estar mais sólido e duradouro.

Acredita-se que o “*status*” forçado, adquirido de forma ilícita é, no máximo, promotor de um bem-estar momentâneo, de curta duração, até porque, enquanto seres humanos o cidadão tem o desejo de sempre querer mais e de realizar novos sonhos, principalmente quando aquele desejado anteriormente é alcançado. Com isso, corre-se um risco tremendo de se enveredar por caminhos tortuosos, os quais, pouco ou em nada contribuí para se alcançar esse sentimento subjetivo encontrado nas coisas simples e genuínas do dia a dia.

Por isso, é preciso ser sempre vigilantes na busca por “*status*” social, uma vez que, os desejos e a pressão social tendem a levar o indivíduo a se afirmar. Ainda mais quando, por instinto, a sociedade é verdadeira e desafiadora tornando o povo candidatos à constante busca por uma vida feliz, pois, como diz Bauman:

Os ocupantes desse mundo da fantasia estão cientes de que nunca terão o bastante, ou, na verdade, um volume suficiente de coisas bastante boas para estarem a salvo [...] o bastante nunca bastará [...] atingir a felicidade significa a aquisição de coisas que

²⁹ Clareza súbita na mente, no intelecto de um indivíduo; iluminação, estalo, luz.

outras pessoas não tem chance nem perspectiva de adquirir. A felicidade exige que se pareça estar à frente dos competidores. (2009, p. 39-40).

Assim, já pode-se dizer que, segundo Zygmunt Bauman, não é na riqueza, necessariamente, que se repousa esse sentimento verdadeiro e subjetivo tão almejado por muitos, porém vivida por poucos ou por aqueles que conseguem ver no pouco, no fundamental, esse tão sonhado e desejado sentimento de vida feliz.

3.4 Subjetividade versus liberdade

Essa linha de pensamento na busca desenfreada por “*status*”, pode levar a crer que esse desejo, essa ambição não dê condições de ver no outro, no calor humano, no sentimento de alteridade³⁰, perspectiva diferente de se alcançar uma vida feliz. Vida esta, capaz de ser encontrada e concretizada em um gesto de carinho ou simplesmente na capacidade de se colocar no lugar do outro, fortalecendo assim, os laços de unidade, as relações e reconhecendo no pouco, terreno fértil para uma vida feliz, sendo assim, por deveras, também agraciado com tamanha reciprocidade e reconhecimento do outro, pois a verdade é que a sociedade vive um para o outro e que, é na simplicidade e no cuidado mútuo, recíproco que esse sentimento subjetivo se faz presente no homem.

Em tempos de sociedade solúvel, viver não deve afastar-se da possibilidade e do desejo de proporcionar sentimentos puros e anseios por uma vida feliz, concreta, duradoura e sólida, frente a prazeres por deveras momentâneos, imediatos, voláteis ou rarefeitos, típico da modernidade líquida. No tocante, o filósofo alemão, Max Scheler, com seu trabalho na área da antropologia filosófica, de certa forma, corrobora com Bauman, quando a discussão aqui é banhada por características de uma sociedade-líquida-moderna, diz o autor, onde

Num tipo de sociedade em que a relativa igualdade de direitos políticos e outros e a igualdade social formalmente reconhecida caminham de par com uma enorme diferenciação em termos

³⁰ Aqui compreendido enquanto a capacidade de perceber o outro como uma pessoa singular e subjetiva.

genuínos de poder, posses e educação. (apud BAUMAN, 2009, p. 44).

Portanto, indaga-se: Pode um cidadão, em uma sociedade tão desigual, participar frente a estabilidade capitalista do mesmo processo e ter sensação de felicidade? Sabe-se que, no Brasil, segundo a Constituição Federal de 1988, em seu Art. 5º é assegurado a todo e qualquer cidadão direitos iguais, assim reza a Carta Magna,

“todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. (BRASIL, 1988, p. 13).

Constitucionalmente, todos têm os mesmos direitos, porém na prática há a impossibilidade de igualar-se em níveis sociais, econômicos e social. Contudo, apelar aqui para a alteridade é mais que preciso, é sensato para todos os cidadãos que preza o bem-estar em tempos de modernidade líquida. Assim sendo, eis que a vulnerabilidade em tempos de liquidez se instala, pensa o autor, pois este

Reflete a insolúvel contradição interna de uma sociedade que estabelece para todos os membros o padrão de felicidade que a maioria desses ‘todos’ é incapaz ou impedida de alcançar. (2009, p. 44-45).

Contudo, diante de tamanha desigualdade social e da falta de empatia em colocar-se no lugar do outro e na luta por direitos iguais, é que se dá origem a discussão sobre subjetividade e alteridade. Na verdade, a sociedade tem estado tão liquefeita que a forma de pensar no outro, no semelhante, bem como, as relações entre os indivíduos foi, por assim dizer, afetado, significativamente, segundo Bauman.

Uma vez que há desejos e sonhos diferentes, há aqui a possibilidade de serem criados modelos diferentes para uma vida feliz, cada um segundo as possibilidades de cada ser, pois em uma sociedade de liquidez, tudo se liquefaz, se renova, se reorganiza e assim é, também, o modelo desse sentimento subjetivo apresentado por Bauman, modelo esse capaz de se adequar aos planejamentos e replanejamentos de vida pessoal de cada indivíduo.

Não obstante, a liquidez também abre possibilidades ao novo, ao diferente, ao reorganizável individual e socialmente falando. Um modelo igual pode não existir, mas há de haver graus de sentimentos de bem-estar diferentes, e, por consequência, oportunidades diferentes de se fazer feliz, cada um a seu modo, do seu jeito, e, segundo suas oportunidades, a ponto de, talvez não ser capaz de mudar sociedades inteiras mais muito provável, ser possível, no mínimo, transformar o próprio indivíduo.

Sociedades inteiras tem estado sedenta de possibilidades reais em busca de novos caminhos, estas desejam há tempos almejar novos paradigmas no campo subjetivo do amor e do sentimento real de bem estar, sendo que, na contemporaneidade caracterizada pela fluidez, pessoas, grupos de pessoas, comunidades inteiras sonham e esperam individualmente por tempos de igual possibilidade de uma vida feliz, o que pode ser frustrante quando se descobre que essa igualdade de possibilidades não é real, devido às inúmeras diferenças.

E mais, é deveras importante saber que há de ser impactante para muitos quando se perceberem afastando-se cada vez mais dessa possibilidade de bem estar individual e social, frente a tamanha politização e vulnerabilidade social, na qual direitos e deveres se confundem quando a proposta é uma igual possibilidade de vida feliz em tempos capitalista, globalizado, e, porque não dizer, egoísta. Mesmo Bauman, assegurando ser esse sentimento subjetivo e essencial ao homem, enquanto sentimento bom a ser desejado e alcançado. Na verdade, o que tem dificultado essa busca por uma vida feliz, tem sido a falta de altruísmo³¹ nas pessoas, para só então, juntos, e ajudando uns aos outros com seus planejamentos de vida, e, assim, contribuir para uma real consciência plenamente satisfeita do coletivo.

Nesse propósito, é preciso estar ciente que, ignorar o outro e buscar nas vitrines, nos objetos, nas coisas o seu ideal de vida feliz frente ao consumo desenfreado de bens e serviços é um tanto quanto perigoso. Porém, é preciso admitir que, na modernidade líquida na qual o homem está inserido, os valores e o apreço ao semelhante se confundem com o desejo fútil do consumo. Deveras o bem-estar não pode ser mensurado, medido, pelo padrão social de riqueza, esse sentimento subjetivo está nos valores e na prática simples de uma vida pautada pela ética³² bem

³¹ Aqui entendido como tendência ou inclinação de natureza instintiva que incita o ser humano à preocupação com o outro.

³² Aqui compreendida como característica de toda ação humana; como parte de quem somos.

vivida, desejada e difundida. Decerto, o respeito às diferenças e aos diferentes modelos de projetos de vida são terrenos férteis para que se alcance esse estado de felicidade. Planejamentos individuais, grupais e sociais os quais promovam uma vida bem vivida, longa em vez de curta, duradoura e não efêmera, permanente em vez de líquida, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade-líquida-moderna é o melhor caminho a ser trilhado em busca da subjetividade por uma vida feliz.

Sendo esse o objetivo, é preciso se colocar no lugar do outro, entender suas angustias e lutas e, juntos, buscarem na qualidade de vida, um espírito puro e de alteridade, pois é preciso valorizar o semelhante, as relações, bem como respeitar suas diferenças, compreendendo os porquês da vida e refletindo sobre eles para as possíveis tomadas de decisão. Até porque, como dito, a busca por sentimentos subjetivos em *Shopping's Centers*, em objetos ou na aquisição de bens, é fruto de um sentimento passageiro, como bem conceitua Blaise Pascal quando diz que essa é “causa única da infelicidade do homem”. (apud BAUMAN, 2009, p. 62). Sem a alteridade e sem essa capacidade de colocar-se no mundo do outro, talvez estejam os homens fadados à infelicidade, segundo o autor, pois a futilidade e o ato de consumir desenfreadamente é que pode levar o indivíduo a um sentimento de bem estar momentâneo, em vez de duradouro.

Por conseguinte, a de ser admitido que, enquanto frutos dessa sociedade consumista e líquida, a busca desse verdadeiro sentimento de bem-estar individual ou social é um, tanto quanto, árduo. Isso porque, erroneamente, tende-se, em nome de uma afirmação pessoal e social, através do consumo e da negação ao outro, afirmar-se socialmente pelo que se tem, não pelo que se é na verdade, e, a discussão quanto a esse mérito torna-se um tanto quanto delicado.

Em tempos de liquidez, sabe-se que, a base para o consumismo, o “TER” de existência é a de uma sociedade pós-moderna aquisitiva, na qual, repousa no lucro e no poder, diferentemente, do sentimento de “SER”, aqui entendido enquanto referência às culturas e experiências de sociedades. Portanto, atitude, caráter, altruísmo, alteridade e a busca pela vivência de sentimentos genuínos e subjetivos ao homem, faz com que a vida seja vivida e encarada como uma arte, a qual o cidadão seja aqui o protagonista de seus projetos e de sua vida. Mesmo que saiba que, para tanto, inevitavelmente implicará desafios e lutas internas e externa a si, mas, ao mesmo tempo, o exercício da alteridade afirma-se como fruto de prazer, pois, como

já dizia Dom Hélder Câmara: “Um sonho sonhado sozinho é apenas um sonho. Um sonho sonhado juntos é o princípio de uma nova realidade”, e assim, por consequência, ficará mais saborosa e cheia de significado a busca por uma vida mais feliz, sua e de outros.

Assim sendo, em tempos modernos de liquidez, é preciso buscar ser e se fazer a todo custo homem livre, buscando uma consciência crítica-reflexiva quanto as amarras ideológicas, política, social e cultural. Buscando extrair dessa consciência orientações mais contundentes para uma conduta, cada vez mais distante destes padrões, que, mesmo assim, em nada garante-nos uma vida livre destes. Para tanto, é preciso lutar em nome de uma autonomia pessoal frente às escolhas e desejos, na tentativa de sucumbir, cada vez mais, a cultura do consumismo de homens e mulheres imersos na cultura de uma modernidade cada vez mais líquida, caracterizada por um tempo de consumismo indisciplinado por natureza que aprisiona em sua liberdade de escolha, uma vez que, essa cultura da liquidez promove socialmente divisão, seleção.

Consumir na sociedade-liquida-moderna é, por assim dizer, fazer-se celetista, seja de classe social, seja de relacionamentos, seja de ambientes, proporcionando, contudo, o distanciamento social tão importante a coletividade dos seres humanos, como afirma Tomás de Aquino engrandecendo e valorizando a natureza do homem sociável, quando diz que “é, todavia, o homem, por natureza, animal sociável e político, vivendo em multidão, ainda mais que todos os outros animais, o que se evidencia pela natural necessidade”. (1997, p. 127).

Sabe-se então que, é no convívio com o outro que se constrói a identidade enquanto indivíduo ou sociedade, não obstante, é na identidade própria de cada pessoa, de cada artista da vida que se é possível ver o seu produto na arte de viver, identidade essa muito bem insinuada e definida por Claude Dubar, quando diz que:

A identidade nada mais é que o resultado-simultaneamente estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estruturado – de diversos processos de socialização que ao mesmo tempo constrói os indivíduos e diferem e definem as instituições”. (apud BAUMAN, 2009, p. 140).

Para tanto, essa construção da identidade, e, por consequência, de indivíduos ou reconstrução da sociedade de consumidores em tempos líquido-moderno precisa desmistificar que, o estado de felícia não se encontra no consumo incontrolável ou

super potencializado, isso por não ser o homem submisso a decisões de outros ou depósito de objetos, em sua grande maioria supérfluos ou desnecessários, e que, a vida não deve se resumir no simples desejo e impulso de barganhar e comprar para se alto afirmar uma pessoa de posses, um ser feliz, socialmente falando, mas ante a tudo isso, o sentimento de bem-estar pode e deve estar no homem que, se faz forte frente ao consumismo desenfreado, que pensa com criatividade e age não por impulso ou para satisfazer ou afirmar-se em determinada classe social.

O indivíduo é mais que tudo isso. O prazer de viver e fazer-se feliz deve estar presente na satisfação de renovar-se a cada dia, e em todo instante, ser altruísta e fazer da alteridade sua máxima, isso sim, o eleva além de qualquer classe social ou simples desejo de ser e se fazer importante perante julgamento de outros. Isso o torna ser para a liberdade. Logo, é preciso, antes de mais nada, ser protagonista e autor da promoção por uma vida melhor, sua e de outros. É se fazer solidário e parceiro irmão da vida feliz em coletividade e longe das amarras características de uma sociedade-líquida-moderna.

Diferentemente do que outros pensem, não é bom apenas, como diz Sartre “estar no mundo”, (1970, p. 34), mas se fazer fundamental em participar da vida e da promoção por uma vida feliz individual e coletiva no mundo, e conseqüentemente, estar no mundo, o qual a busca por dias melhores, assim como, sua contribuição por e para uma sociedade de equidade, onde o mundo que o homem habita e o cuidado com o outro também seja uma missão comum. Nessa perspectiva, diz Zygmunt Bauman:

Exercer esses direitos é considerado um dever de todo indivíduo. Considera-se mais que isso, que o que acontece ao indivíduo é consequência ou do exercício desses direitos ou de um fracasso abominável ou recusa pecaminosa em exercê-los. (2009, p. 152).

Destarte, exercer as práticas de cuidado e zelo e, ter a preocupação consigo e com o outro é a mais sublime prova de altruísmo, de alteridade e de liberdade, pois o que acontece com o próximo é consequência direta ou indireta de cada um que, assistindo, vendo ou vivendo situações adversas e nada faz na tentativa de mudar, seja em suas práticas individuais ou sociais, essa, sim, é a mais legítima falta de

cuidado e humanidade, seja por ausência, seja por escolha, esse, como diz Bauman, se faz fruto “de um fracasso abominável ou recusa pecaminosa”. (Ibidem).

3.5 Protagonismo na modernidade líquida

Mesmo em tempos líquidos é preciso que o homem e seus projetos de vida tenham significados importantes frente a um mundo tão desproporcional, inclusive, em oportunidades. Com uma globalização cada vez mais acelerada e interdependente, parece ser desafiador, na atualidade, responder a interrogação do tipo: É possível a felicidade? Quem sabe, fosse possível começar por indagar sobre a disposição e habilidade³³ de cada um na busca para transformar o já imposto. Ademais, quem sabe fosse possível começar por repensar desejos, sonhos e metas no âmbito pessoal e social. E que, também, possa aqui, ser legítimo o esforço em organizar-se ou reorganizar-se, na busca por uma vida mais justa e amplamente respeitado e possibilitado o direito por qualidade de vida e bem-estar social, através de atos e ações concretos a partir do cuidado a si e ao semelhante, em tempos de liquidez.

A todo momento se pode traçar rotas e se fazer artista, homens e mulheres capazes de produzir a si mesmos, protagonistas de vidas felizes, mesmo sabendo-se o quão difícil é trilhar caminhos em busca do novo, da mudança, porém é preciso haver a consciência de que é necessário acreditar e buscar dias melhores, novos projetos, planejamentos e rumos, pois a transformação, assim como a mudança passam a acontecer, de fato, quando os seres humanos fazem-se ativos e comprometidos consigo, com os outros e com o mundo.

Planejamento e projeto de vida não podem faltar ao homem, principalmente, quando é levado em consideração a história do ontem, fazendo a diferença no hoje, em busca do bem-estar e por dias melhores no amanhã. É preciso, sim, fazer-se artista na construção de um mundo melhor, pois como diz Bauman, “a vida não pode deixar de ser uma obra de arte se é uma vida humana – a vida de um ser dotado de

³³ Aqui entendida como procedimento próprio, cada um a seu modo, do seu jeito, segundo sua maneira ou forma de proceder, onde cada um se faz artista a seu modo.

vontade e liberdade de escolha”. (2009, p. 89), logo, é preciso enfrentar desafios e tempestades e entre o bem e o mal escolher ser feliz.

Talvez, essa perspectiva pautada em escolhas não fosse bem o que o filósofo Jean-Paul Sartre defende enquanto filosofia de vida, haja vista o existencialista apresentar a possibilidade do homem também não escolher, e mesmo esse não escolhendo, ao simples ato desse não escolher, o mesmo já escolhe. Ora, constranger-se aqui ao escolher ou não escolher ser feliz é uma questão mais que pessoal, é cultural, uma vez que, em nada é garantido àquele que escolher ser feliz, fazer-se mais ou menos feliz que outros que não escolheram.

Em parte, superada essa discussão ontológica³⁴, mesmo assim, não se elimina o dever de cada um ser e se fazer protagonista e responsável por aquilo que deseja e busca. É, exatamente, nesse confronto com as condições externas, com outras culturas e possibilidades, que se faz preciso a reafirmação de que é possível se fazer protagonista de sua história e agir diferente quando a meta é atingir sensações subjetivas em razão da boa vida que, por desejo, almeja o homem. Para Bauman, começos e recomeços devem fazer parte dos mais altos sonhos, desejos e metas em busca de uma vida feliz, também, mesmo sabendo que entre “cara ou coroa, suas chances de ganhar ou perder parecem iguais”. (2009, p. 91). Para tanto, é, na verdade, a determinação do homem que fará a diferença em ele fazer da sua vida uma obra de arte ou não frente os percalços que a vida promove.

É certo que os riscos fazem parte da caminhada, porém a força, a perspicácia e a constância devem existir em toda essa peregrinação. Assim como, também é de certo que surpresas inesperadas ao longo dessa andança podem acontecer, mas não há como dar a certeza que acontecerão porque, ao despontar do futuro que pode estar próximo, não existe controle deste, devido a situações externas aos indivíduos, porém, enquanto artista da vida se deve atenção e vigilância rumo a busca por dias melhores e mais felizes, diária e constantemente, e, em cada novo amanhecer. Eis o que torna as pessoas artistas e protagonistas de sua história e da de outros, assim como, do mundo, como diz Bauman, mesmo certos de que: “Não se pode jurar lealdade à rota planejada antes do começo da viagem da vida, já que acidentes e sorte, aleatórios e imprevisíveis, podem muito bem alterar seu itinerário”. (Idem, p. 94).

³⁴ Ontologia: parte da Filosofia que tem por objeto o estudo das propriedades mais gerais do ser.

Mesmo assim, só terá chances e possibilidade de se alcançar a verdadeira e subjetiva felicidade aquele que, verdadeiramente, sai de uma vida de inércia, acredita e busca, de fato, ser o artista da sua própria vida, pronto para traçar novas rotas, pois só tem a certeza que não ganha, que não vive, que não será feliz àquele que não buscar viver e ser o autor protagonista de sua mudança em nome de seu próprio sucesso ou bem-estar, por assim dizer, pois como diz Zygmunt Bauman, “o único bilhete sem chance de ganhar é o que não foi comprado”. (Idem, p. 96).

3.6 Digressão e transformação

É preciso saber que, a grande questão, hoje, para se planejar o amanhã, pode ser sinalizada no presente pelo passado já vivido, ou seja, através do exercício de digressão³⁵ é possível fazer um passeio no passado, pois se faz necessário aprender, também, através dos erros ocorridos em outras épocas para melhor planejar o futuro. As gerações da história são peças importantes para melhor se viver o presente e o futuro, porém é preciso sabedoria na busca de uma vida feliz, bem como na reavaliação de valores, regras e costumes do passado em detrimento do futuro, assim alerta Bauman quando diz que:

Traçar fronteiras intergeracionais só pode ser arbitrário, cada tentativa de fazê-lo deve ser controversa e contestada, e se sua projeção no mapa da sociedade não será particularmente esclarecedora, se não foi ilusória. (2009, p. 106).

Em contrapartida, há quem fale das ascensões sociais milagrosas, ou seja, da possibilidade do encontro do destino que, através de um golpe de sorte, atinja àquela parcela social financeiramente abastarda, e que, diferencia-se de grande parte social economicamente, e por consequência, socialmente mais desprovida, talvez de oportunidades em busca de uma vida com mais possibilidades. Vida essa que, quiçá as posses possam proporcionar, mesmo que momentaneamente quando, tem-se a ilusão que a vida feliz está no quanto e quando se pode adquirir, uma vez que, infelizmente, a aquisição de bens materiais em uma sociedade culturalmente consumidora é fonte de status social. Ora, se assim for, aos que acreditam que o destino faz a diferença na busca por dias melhores, que busquem abreviar cada vez

³⁵ Entendido como ato ou efeito de se afastar, de ir para longe do lugar onde se estava.

mais a caminhada e escutar com possibilidades esse “encontro com o Destino”. (2009, p. 118). Portanto, que a boa sorte chegue logo em suas vidas. Assim diz Zygmunt Bauman:

Num mundo líquido-moderno, afinal de contas, nenhuma atividade válida mantém a validade por muito tempo. É, antes, o princípio geral em que as histórias tipicamente líquido-modernas se confundem: que, em composição com um destino benevolente, qualquer ingrediente acrescentado de maneira fortuita, ainda que seja comum, simples e inexpressivo, pode fazer com que os cristais brilhantes do sucesso se sedimentem a partir da solução espessa a que chamamos ‘vida’. Qualquer ingrediente: não necessariamente o trabalho árduo, a abnegação, o ascetismo ou o auto sacrifício sugeridos pelas histórias clássico-modernas. (2009, p. 120).

Portanto, caberá, aqui, o destino decidir se fazer presente. É preciso, então, empenhar-se em aproximar esse destino, acreditar e fazer com que tal caminho seja possível no mundo, por assim dizer, cada vez mais líquido. Pois, na arte da vida é preciso destreza e esperança, mesmo que ainda sem muita certeza, uma vez que, é natural da condição existencial humana o anseio por dias melhores, assim é a arte da vida. Bauman, por sua vez, afirma:

Praticar a arte da vida, fazer de sua existência uma ‘obra de arte’, significa, em nosso mundo líquido-moderno, viver num estado de transformação permanente, auto redefinir-se perpetuamente tornando-se (ou pelo menos tentando se tornar) uma pessoa diferente daquela que se tem sido até então. (2009, p. 125).

Assim, é preciso buscar na condição existencial humana a renovação do ser, e a cada dia se moldar a todo instante, fazendo-se uma pessoa nova, e, aqui, é fundamental essa transformação, a fim de restaurar, o ser. Rasgar as vestes antigas para dar espaço ao novo, é mais que necessário, se faz preciso. Pois, diariamente, precisa-se criar e recriar-se a todo momento, pois a desconstrução diária se faz precisa para essa reconstrução do novo homem, em busca de dias mais auspiciosos.

A nova edição da própria sociedade, depende primeira e diretamente do ser em tempos de liquidez, ou seja, de um ser que frente às mudanças se faça crítico, reflexivo e, acima de tudo, humanista. Até porque, aparar as “arestas” do ser humano, podar seus próprios “galhos” é preciso para que se “brote” vida nova e assim possa esse “renascer” mais cheio de vida e com “vida em abundância”. (João, 10:10). A

exploração de novos caminhos é por deveras esperançoso na busca de uma vida nova, e em nome de uma vida feliz.

Essa busca pelo novo deve aniquilar o poder da coerção que se sofre na contemporaneidade, fruto de uma sociedade consumidora compulsiva e, principalmente em tempos de liquidez, pois o homem do século XXI, é naturalmente fruto cultural e social de uma sociedade constituída e validada pelo que consome de forma desregrada, constituindo-se, assim, em consumidores natos, social e filosófico. Consequência disso é a perpetuação social desse consumo desenfreado em busca de um reconhecimento social ou de um abreviado sentimento subjetivo de bem-estar, mas erroneamente entendida como material quando não se faz um ser crítico-reflexivo.

É salutar pensar quer, as pessoas, as famílias e a sociedade como um todo, afastem-se dessa cultura contemporânea de replicadores de um estilo de vida baseada em posses, em aquisição desenfreada e doentia de bens, mas caso assim o queiram, que encontrem, a seu modo a possibilidade de, também, fazerem-se felizes. Mesmos certo de que, a cultura da oferta de mercado, é uma cultura tão invasiva que, chega a ser capaz de determinar o estilo de vida de uma sociedade inteira, qual seja, a de consumidores não conscientes, compulsivos, desprovida da capacidade crítica-reflexiva, segundo Zygmunt Bauman.

Cultura esta, talvez, de verdadeiros escravos de uma liberdade limitada e nociva, quando a pauta da vida é buscar por dias melhores. Para tanto, afirma Bauman: “a volatilidade, vulnerabilidade e fragilidade de toda e qualquer identidade colocada sobre os ombros daquele que busca uma identidade o dever de desincumbir-se diariamente das tarefas da identificação”. (2009, p. 133). Assim, faz-se preciso fazer-se novo a cada nova situação, e, em cada novo amanhecer.

3.7 A Felícia e o Compromisso em “A Arte da Vida”

Segundo o autor, homens e mulheres desejam tão fortemente ser feliz que, esse desejo pode ser comparado com a física, quando se fala de forças que tendem a se lançar e a se retrain, frente ao ardente desejo em busca de prosperidade,

denominado assim, de força centrífuga, aquela que se precipita do centro para fora e a força centrípeta, a que dirigir-se para o centro. Dessa forma, em luta constante em busca do bem-estar como se fosse um constante desafio alcançar o sucesso, que por conseguinte, é subjetivo, homens e mulheres, alimentados pelo desejo de obter bens e objetos em tempos de liquidez, tendem a trilhar caminhos perigosos, terrenos minados pelo individualismo, pela ganância, pela falta de altruísmo e pela falta de amor (sentimentos subjetivos) ao próximo, ao outro. Diz Bauman,

Preocupar-se com o bem-estar de um Outro, ‘ser bom’ para o Outro, também reforça o sentimento de ‘estar bem’ e assim, presumivelmente, a felicidade do sujeito da preocupação” [...] cuidar de outras pessoas e ser bom para elas é, em suma uma, parte valiosa, talvez até indispensável, dos cuidados da pessoa consigo mesma”. (2009, p. 158-159).

Diante disso, vale ressaltar que “gentileza gera gentileza”, mesmo que essa alteridade não seja imbuída do desejo de recompensa. Ser feliz, buscar ser feliz, consigo e com o outro, é o maior desafio frente ao conceito de uma sociedade cada vez mais líquida, segundo Bauman, pois a falta de compromisso de uns com os outros é, na verdade, uma fragilidade dos laços humanos, característica essa, típica da modernidade líquida, para tanto, ideal seria, o homem não ser egoísta ou mercenário no que tange o sucesso seu ou de outros.

Em tempos de liquidez nas relações, cabe a cada indivíduo que trilha essa busca pela felícia, a qual não se encontra em momentos e situações que, o alto interesse econômico e consumista tende a pregoar como verdades. Em contrapartida a tudo isso, fazer-se promotor da empatia, a capacidade de se identificar cada vez mais com o outro, de sentir o que ele sente e de querer o que ele quer e, cada vez mais, se colocar no lugar desse outro e juntos caminharem em busca de uma vida feliz, ou seja, isto é alteridade. Os sentimentos bons se completam.

Desejar maiores positivities e contribuir para um mundo feliz, no qual, o eu e o outro sejam autores dessa realidade, é mais que preciso, é necessário, pois fazer-se promotor do bem-estar e contribuir para realizações na vida sua e de outros deve ser para nossa sociedade atributo constante, pois, em si tratando da escolha do cuidar, seja qual for a circunstância, deve-se buscar sempre a conduta natural do zelo, do cuidado, uma vez que homens e mulheres são capazes de transformar suas vidas e as vidas de muitos.

Fazer as escolhas certas, seja qual for a circunstância, é preciso quando se trilha rumo a uma consciência tranquila e responsável para além do econômico. Deve-se, pois, considerar que, quando se caminha rumo à vida feliz, o outro é fundamental ao equilíbrio do bem-estar interpessoal. O ideal seria, realmente, ter a consciência crítica-reflexiva diante das amarras políticas, ideológicas, culturais etc., cabendo ao homem assumir seu papel de maestro, e não, apenas, de um instrumento. É preciso orquestrar juntos, e, assim, em coletividade e equidade, passar a ver e a viver a arte da vida, como se fossem instrumentos em uma verdadeira sinfonia, que resume a importância do todo e não apenas de um ou de partes quando o assunto é o produto final, qual seja este, a “ópera da vida feliz” em tempos de liquidez. Logo, ser artista da vida em busca de bons sentimentos subjetivos é papel de todos e se fazer protagonista dessa caminhada é dever de cada um.

É imbuído desse desejo do que se escolhe, que segundo Sartre, o fato de “ser para todos”. (1970, p. 12). Alimenta a necessidade do cuidado com o outro, não obstante, Bauman, resgata essa necessidade do amor ao outro ao tecer sobre a fragilidade dos laços humano, conseqüentemente. Isso porque, para se ter o amor próprio reconhecido, necessariamente se depende do olhar do outro, portanto, o outro é uma necessidade de todos os indivíduos e vice-versa, eis a filosofia sartreana aplicada ao conceito de alteridade, onde o outro é, também, responsabilidade do homem, se é que, este deseja trilhar uma vida rumo a desejos convergente. Eis o que desafia a sociedade em tempos líquido-moderno, tempos de consumo irracional e desenfreado, no qual a busca por mais nunca é o bastante a ponto de negar o outro e de não ver no próximo a necessidade do zelo, do cuidado, como diz Emmanuel Levinas,

É extremamente importante saber se a sociedade no sentido atual do termo é o resultado de uma limitação do princípio de que os homens são predadores uns dos outros ou se, pelo contrário, ela resulta da limitação do princípio de que os homens existem para os outros. (apud BAUMAN, 2009, p. 183).

Assim, não obstante a outras épocas ou forma de se viver, a possibilidade de uma vida feliz pode ser encontrada, talvez, na digressão, ou seja, no afastamento de prazeres momentâneos capazes de desviar o homem de uma busca mais profunda e prazerosa, de encontrar em si e no outro a chance de uma vida pautada na esperança de dias melhores, buscando a cada novo amanhecer afastar-se da cultura imposta

por tempos líquido-modernos. Ou seja, a verdadeira cultura do consumismo não consciente, do poder e da influência midiática, do pouco cuidado e interesse pelo outro, como bem apresenta Zygmunt Bauman.

Em contrapartida a toda essa cultura, e, sobre o ato responsável, vem Bakhtin, falar do “sujeito histórico e social”, (2012, p. 142), e dizer que, a singularidade do eu, no encontro com o outro, obriga o agir de forma responsável, assim a condição humana de ver no outro o eu responsável se faz importante, cabendo como uma luva para os tempos atuais, tempo esse que tanto o desemprego, quanto a fome e a miséria aumentam de forma desenfreada³⁶, crescendo na mesma proporção a necessidade de ser-para-outro.

Cabe, aqui, referenciar uma ética da responsabilidade e, portanto, segundo o autor supracitado, pode-se criticar também, o formalismo kantiano que teria desaguado em uma ética idealista e, ao mesmo tempo, abstrata, haja vista não haver esperança para o universalismo moral de Kant, pois é a responsabilidade de si e para com o outro que fornece subsídio para uma verdadeira compreensão do ato ético, segundo o mesmo.

Logo, o desejo do bem-estar consigo e com o coletivo, depende diretamente dessa capacidade de enxergar o outro e seus problemas, e mais, incomodar-se com a falta de vida dignidade sua e de outros caso esta venha lhes faltar, até porque, este exercício de não sentir-se bem ao ver a miséria alheia, além de exercitar a alteridade do ser enquanto sentimento, deve levar às lutas, e, buscas por condições iguais de se alcançar em coletividade dias melhores, levando-os ao encontro da luz frente a escuridão, a saciedade em vez do jejum obrigatório vivido por muitos, seja de pensamentos, seja ideias, seja de ações.

Assim sendo, a responsabilidade aqui pode surgir por consequências de ação ou omissão, pois, é preciso, cada vez mais, cada indivíduo, assumir conscientemente seu grandioso papel de promotor altruísta em busca pelo bem-estar seu e de outros. Por deveras, não dever-se-á ser o sentimento de felícia igual para todos, mas as

³⁶ Segundo o Grupo de Institutos Fundações e Empresas - GIFE, a miséria e a fome cresceram exponencialmente no Brasil durante a pandemia, atingindo em dezembro de 2020 um percentual de 55% da população brasileira se encontrava em situação de insegurança alimentar, o equivalente a 116,8 milhões de pessoas. Disponível em: <https://gife.org.br/desigualdade-social-no-brasil/#:~:text=O%20n%C3%BAmero%20foi%20de%2031,momento%20da%20pandemia%20no%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 25 set. 2022.

possibilidades e o direito a equidade, estes sim, devem ser direito garantido a cada cidadão que busca ser feliz ou no tocante, idealiza e almeja esse sentimento tão nobre e subjetivo na vida de quaisquer homens.

O filósofo Levinas, também fala da necessidade e possibilidade em cuidar do outro, enquanto “ser para”. (1985, p. 95). Ele determina esse “ser para”, uma vez que, no campo da subjetividade, o outro é tido como uma “estrutura essencial, primária e fundamental”. (apud BAUMAN, 2009, p. 205). Existir porque existe para os outros faz toda uma diferença em tempos líquido-moderno, principalmente quando, esse outro, muitas vezes não reconhece a coletividade, e, em grande parte, nem reconhece a si mesmo, pois parece faltar nesta sociedade-líquida, cada vez mais egoísta, este exercício de colocar-se no lugar do outro para melhor enxergá-lo, e, também, enxergar-se enquanto meros andarilhos do século XXI em busca de vida feliz.

Uma vez que esse outro é necessário ao “eu social”, assim diz Bauman, “a face do Outro, quando entra/irrompe no meu campo de visão, me acena, abrindo a possibilidade de fugir do ‘isolamento da existência’”. (2009, p. 205). Assim, corroborando com esse pensamento baumaniano, Emmanuel Levinas, vai dizer que, “a partir do momento em que o Outro me olha, sou responsável por ele, sem ter assumido responsabilidade quanto a isso”. (Ibidem). Por conseguinte, a intencionalidade está adiante da responsabilidade, retomando Levinas, quando diz, “sou responsável pelo Outro sem esperar reciprocidade [...]. Minha responsabilidade é intransferível, ninguém me poderia substituir [...]. A responsabilidade é o que cabe exclusivamente a mim e que eu, humanamente, não posso recusar...”. (Idem, p. 98-101 apud BAUMAN, 2009, p. 206-207).

Assim, a busca por esse sentimento subjetivo, qual seja, a felicidade, é uma luta diária e constante. Manter o foco e a cada novo amanhecer, fortalecer essa busca, é exatamente o que propõe Zygmunt Bauman. Haja vista caber ao homem ser, além de protagonista, autor e planejador de seu projeto de vida.

4 CONTINUIDADE OU RUPTURAS NA MODERNIDADE

Para o também filósofo em evidência, Zygmunt Bauman, meditar, pensar mesmo que seja o já pensado ou refletir, significa fazer retroceder, voltar atrás. Isto é, retomar o pensamento frente à tradição, faz a sociedade, de certa forma, filósofos na medida em que se propõe questões de natureza filosófica. Propor essa reflexão sobre os parâmetros de relações, continuidade ou rupturas quanto ao conceito de felicidade na modernidade líquida é que norteia a eterna busca por dias melhores que, para Bauman, parece ser, em tempos de liquidez, um estado mutável. Assim sendo, é possível, a felicidade, ao longo da história dos povos e em tempos de pós-modernidade segundo a Filosofia?

4.1 Um recorte com Platão e Aristóteles

Ainda na introdução da obra *“A Arte da Vida”* de Zygmunt Bauman, é possível averiguar as ponderações de Michael Rustin (2009, p. 5), quanto a correlação estabelecida por estudos baseados em governos que acreditam ser a felicidade fruto de um bom e alicerçado crescimento econômico, crescimento este responsável por tal bem-estar subjetivo. Contudo, pode ser até que pessoas e governos estejam buscando maiores riquezas mais em nada há de se assegurar com certeza de que essas buscas proporcionem esse tão almejado estado.

Parece que a busca dos seres humanos pela felicidade pode muito bem se mostrar responsável pelo seu próprio fracasso. Todos os dados empíricos disponíveis indicam que, nas populações das sociedades abastadas, pode não haver relação alguma entre mais riqueza, considerada o principal veículo de uma vida feliz, e maior felicidade! (2021, p. 8).

Para Platão esse estado subjetivo é obtido de maneira objetiva quando relaciona a virtude e a felicidade. Quando o filósofo grego permite pensar sobre elas através de sua obra **A República**, é notório que esse caminho é a trilha pela qual pode-se alcançar dias felizes. Contudo, é pela prática das virtudes de um governo bom e justo que legisle em prol do bem comum que o bem estar social se fortalece e a felicidade geral se estabelece.

Ora, bem comum esse capaz de coletivamente favorecer aos indivíduos espírito altruísta, ou seja, a capacidade de viver, cuidar e relacionar-se uns com os outros de forma que o zelo e o respeito ao próximo pelo governante e seu povo seja a máxima em busca de um amanhã um tanto quanto mais auspicioso aos homens e a comunidade como um todo.

Assim, para a filosofia grega, segundo Platão, o desejo de vida feliz e a virtude andam lado a lado, uma vez que, para ele, a felícia não é acidental e sim alcançada de maneira objetiva. Pois, uma vez articulada junto a virtude, tem-se aí o ideal de cidade para o filósofo, o ideal de governo alicerçado na política e nas virtudes, em prol de valores tão necessários para a promoção do bem-estar coletiva e não de poucos ou de um, apenas.

Corroborando com Platão, vem Aristóteles dizer ser a virtude a atividade mais perfeita do homem. O Estagirita afirma que, esse estado de satisfação do homem se dá através de uma vida perfeitamente virtuosa. Isso posto, para o Doutor Angélico, “felicidade é, portanto, algo absoluto e autossuficiente, sendo também a finalidade da ação” (1991, p. 13). Assim, só é possível ao homem quando seja natural a todos os homens e não imposta, pelo governo, por exemplo, mais busca pelo homem como finalidade de suas ações.

Seguindo o mesmo entendimento platônico, logo, é através da vida virtuosa que o filósofo acredita só ser possível alcançar esse nobre estado que se faz provável através das virtudes, sendo essas arraigadas de boas ações e somadas à prática do bem aos outros, pois só assim será verdadeiramente possível uma vida feliz, sendo aporte para o Sumo Bem.

É mister considerar que, neste recorte, da Filosofia Antiga, qualidades ou virtudes como o altruísmo, tão bem pensado por Augusto Comte, presente na literatura de Ludwig Feuerbach como anti-egoísmo, assim como a alteridade enquanto contrário de identidade para Platão (no Sofista) ou enquanto proposta da ética da alteridade para Emmanuel Lévinas, se fazem necessárias quando o foco é discorrer sobre a ideia de felicidade na modernidade líquida.

Tanto o altruísmo quanto o espírito de alteridade se fazem necessários à busca por uma vida feliz, ainda mais, sendo o homem, por natureza, animal sociável e político, segundo Aristóteles. Vida essa sem espaço para o egoísmo ou egocentrismo,

típico de uma sociedade moderna de consumidores, líquida e individualizada como diz Zygmunt Bauman em **A Arte da Vida**.

Observadores indicam que cerca de metade dos bens cruciais para a felicidade humana não tem preço de mercado nem pode ser adquirida em lojas. Qualquer que seja a sua condição em matéria de dinheiro e crédito, você não vai encontrar num *shopping* o amor e a amizade, os prazeres da vida doméstica, a satisfação que vem de cuidar dos entes queridos ou de ajudar um vizinho em dificuldade, a autoestima proveniente do trabalho bem-feito, a satisfação do 'instinto de artífice' comum a todos nós, o reconhecimento, a simpatia e o respeito dos colegas de trabalho e outras pessoas a quem nos associamos; você não encontrará lá proteção contra as ameaças de desrespeito, desprezo, afronta e humilhação. (2021, p. 12).

É com base no entendimento de Aristóteles, de que, para ele, a felicidade não é material, ou seja, não é palpável que se sinaliza aqui o contrário do que a sociedade moderna de consumidores entende por esse estado de vida, uma vez que para o Estagirita, este não é encontrado nas coisas e nem em prateleiras, muito menos nos prazeres momentâneos que, por exemplo, os *shopping centers* proporcionam à sociedade atual, escrava de um consumismo exagerado e exacerbado, que está fadada a viver.

Para Platão e Aristóteles, não é possível uma felicidade a qual o ter seja superior ao ser, ou seja, não é possível vida feliz quando essa condição for vinculada a consumo de bens e serviços, ou seja, nas coisas apenas, haja vista esta não se materializar na riqueza, apenas, ou na aquisição de posses, nem, muito menos, na cultura de um mundo globalizado. Diferentemente do que se vive na pós-modernidade, uma vida feliz para os gregos está diretamente associada à sabedoria, as virtudes, a razão e a contemplação.

Assim, esta é possível para o filósofo grego quando, por exemplo, tem-se um governo bom, justo e virtuoso. Quando se impera virtudes como a coragem, a temperança, a liberdade e a santidade. Não obstante, corrobora Aristóteles com Platão quanto às virtudes como a santidade, o altruísmo, a alteridade, pois para ele alcançar a felicidade é, antes de mais nada, fazer-se homem contemplativo, uma vez que, uma vida verdadeiramente feliz só é possível graças a essas e tantas outras virtudes que só são plausíveis ao homem de boas práticas e bom coração, uma vez que para o Estagirita, esta é uma atividade da alma.

Corroborando com Platão e Aristóteles, Bauman vai dizer que, a felicidade não é encontrada no consumo desenfreado de bens, nem em prateleiras ou de forma coisificada, eis aqui uma continuidade de entendimento sobre a felicidade, pois para eles, esta é tida e entendida enquanto sentimento subjetivo e precioso, e esse perpassa pela vivência e projetos de vida dos seres humanos, assim como, pelo respeito e a ética a que constroem os povos e suas culturas.

4.2 O entendimento do Epicurismo e Estoicismo

A julgar de uma singela humildade, tratar nessa fase da história da filosofia sobre tão importante temática, enquanto relação de continuidade ou até mesmo de rupturas com os socialmente estabelecidos padrões sociais inculcados pela cultura da pós-modernidade é um tanto quanto desafiador.

Primeiro porque, observa-se em Epicuro de Samos, a grandeza em defender que o homem é aporte da felicidade, uma vez que ele carrega dentro de si mesmo a semente da mesma. Filósofo da natureza e de ardente desejo em ser reconhecido como primogênito, quanto ao pensador materialista da história ocidental, Epicuro, lança-se em defesa de uma filosofia sem glamour, defendendo com rigor a simplicidade da vida e das coisas para que se possa, de fato, ser feliz.

Segundo, mas não menos importante para esse recorte da tradição, Lúcio Anneo Sêneca, que se embriaga com tratados capazes de levar a deleites no que toca as discussões de valores quer sejam morais, culturais e porque não dizer, também, sociais. Uma vez que todo e quaisquer pensamento, reflexão interior tende a refletir em costumes, hábitos, cultural e social.

Aqui, quando o assunto é materialidade, talvez possa ser visto nesses dois grandes filósofos, neste exato recorte da História da Filosofia, um par perfeito para discorrer sobre o assunto tão bem apresentado, discutido e refletido por Zygmunt Bauman, em tempos pós-moderno, tempos de modernidade líquida³⁷, tempo esse no

³⁷ “Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões especiais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a muda-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca a ocupar; espaço que, afinal, preenche apenas “por um momento”. (BAUMAN, 2001, p. 8).

qual o consumo se apresenta como felicidade, mesmo que efêmera, mais por muitos tida e defendida como o caminho para tal.

Na contemporaneidade, é assim que essa cultura do consumo, fruto de um mundo globalizado e cada vez mais fluído, tem agido na busca por esse falso estado de satisfação, diz Bauman, “a logo, a marca e a localização podem fazer por seus clientes: guiá-los no caminho confusamente sinuoso e minado que leva à felicidade”. (2021, p. 19).

Contudo, defender, aqui, que a doutrina de Epicuro, a qual destaca-se pela vivência da prática, do exercício da razão possibilitado pela filosofia, pelo amor à sabedoria, é que se faz notório o alcance da felicidade protagonizado pelo próprio indivíduo. Uma vez que para o pensador e filósofo, esta é intrínseca ao homem. Uma vez que, cada um já traz dentro de si mesmo essa semente que precisa, um dia, geminar graças à sabedoria e as virtudes que são próprias ao homem, cabendo, única e exclusivamente a este fazê-la dar bons fruto.

É preciso potencializar os prazeres benevolentes e manter o equilíbrio do corpo e alma, assim, tornar-se-ão os homens, aportes para esse tão desejado sentimento subjetivo, erradicando assim, de suas vidas, os prazeres libertinos ou momentâneos, protagonizados pela cultura da modernidade líquida, que apregoa esse falso sentimento quando atribui a este o consumo demasiado de bens em nome de uma vida feliz, ignorando, assim, a simplicidade.

Simplicidade essa defendida por Epicuro como essencial a busca por uma vida de bons sentimentos e sensações. Corroborando com a simplicidade e avesso ao consumo demasiado, típico da sociedade pós-moderna, diz Bauman,

o gosto agradável da comida do restaurante ou os preços altos nas etiquetas e os rótulos prestigiosos fixados aos presentes dificilmente alcançarão o valor, em termos de felicidade agregada, dos bens cuja ausência ou raridade eles devem compensar: bens como reunir-se em torno de uma mesa com comida preparada em conjunto para ser compartilhada, ou ter uma pessoa que nos é importante ouvindo com atenção uma longa exposição de nossos pensamentos, esperanças e apreensões mais íntimos, e provas semelhantes de atenção, compromisso e carinho amorosos. Já que nem todos os bens necessários para a ‘felicidade subjetiva’, e notadamente os não negociáveis, têm um denominador comum, é impossível qualifica-los; nenhum aumento na quantidade de um bem pode

compensar plena e totalmente a falta de um outro de qualidade e proveniência diferentes. (2021, p. 15).

Segundo a ótica epicurista, é preciso atentar para a vida simples, onde o amor a si, ao outro e a natureza seja o caminho que conduz a uma vida feliz. Para tanto, faz-se necessário ainda, atentar para aos prazeres naturais, pois estes são para o filósofo, necessários aos indivíduos. Como diz Epicuro, é preciso “atenção àquilo que produz a felicidade” (2021, p. 129), e nunca ao consumismo de bens e serviços que apenas são apresentados por uma sociedade que pouco reconhece e valoriza a simplicidade, o outro e o que ele é de verdade enquanto homem de virtudes e sabedoria. Corroborando, assim, com outro filósofo estoico, Epicteto que diz ao homem que busca ser feliz, a este “não há necessidade de cobiçar, invejar e apoderar-se. Você vai ganhar sua porção correta quando chegar a hora”. (2021, p. 39).

Para o pensamento epicúreo, valorizar o indivíduo e suas virtudes, assim como, valorizar os prazeres duráveis e perenes ao invés dos prazeres passageiros e efêmeros, faz do corpo social merecedor de vida feliz. Como dito, só através da razão, da prática, da filosofia e pelo amor a sabedoria é que o indivíduo encontra em si mesmo esse sentimento de satisfação. Principalmente quando, segundo defende Epicuro, o homem é o protagonista de sua própria felicidade, pois como diz Bauman,

Nossa sociedade de consumidores também faz tudo que se possa imaginar para tornar a *prática* do conselho de Epicteto uma tarefa desanimadora e um esforço árduo. Mas não a torna impossível. A sociedade pode tornar (e de fato torna) certas escolhas menos prováveis de serem feitas pelos homens do que outras. Mas nenhuma sociedade pode privá-los da escolha. (2021, p. 39).

Corroborando com o epicurista, o estoico Sêneca vai dizer que ter uma vida feliz está atrelado diretamente à busca da razão. Sendo a sabedoria, a filosofia, a razão e a natureza necessários à vida do homem para que seja este verdadeiramente potencial na obtenção dias auspiciosos e felizes, pois para ele, o equilíbrio entre a natureza e o homem é fundamental para tal fim, uma vez que a natureza faz parte da vida do homem. Assim, fica entendido que para ser ter vida feliz, é a virtude necessária ao homem, e, seja a natureza, o caminho para que esse alcance a virtude.

Em consonância com Epicuro, Sêneca também vai dizer que a virtude é uma qualidade que está ao alcance de todos, logo a possibilidade de vida feliz é possível

para quaisquer indivíduos, assim defende os filósofos, uma vez que para eles, vida feliz é sinônimo de sabedoria, conhecimento e razão. Contudo, feliz é o homem que cultiva em seu íntimo as virtudes, pois são essas as quais o conduz ao estado de bem-estar.

Ambos os filósofos veem a Filosofia, a ética e os princípios morais como indispensáveis ao protagonismo da razão que, por sua vez, possibilita a consciência crítica-reflexiva. Não obstante, Silva; Souto & Cavalcanti, defendem que, sejam as instituições de ensino, cada vez mais promotoras de virtudes frente as responsabilidades do ensino, função essa a qual, também, lhes é confiada, haja vista valores tão necessários a vida de quaisquer cidadãos, e, recobrando-se de maior importância na contemporaneidade, onde muito tem se confundido e mal interpretado princípios tão basilares ao homem, como a ética, a moral e os bons costumes. Para tanto, acreditam ser,

As instituições, verdadeiras formadoras de pensamentos, de visões críticas-reflexivas e humanistas, precisam em seus planos de ensino, mesmo que, de forma transdisciplinar, estarem atentas para essa formação de virtudes tão próprias e necessárias aos seres humanos. (2022, p. 06).

Virtudes essas que, na Filosofia Estoica, reflete no cuidado, inclusive do pleno desenvolvimento do ser humano, ou como diz Tomás de Aquino, da substância composta “de fato, diz-se que o Homem é composto de alma e de corpo”, (2008, p. 16), e da natureza. Cuidados esses indispensáveis ao homem com virtudes e abastado de qualidades.

Eis o que configura, aqui, mais um elo de continuidade de pensamentos entre os filósofos, uma vez que a filosofia de Sêneca legitima o pensamento de Epicuro quando este admite que é preciso buscar serenidade na vida e dar importância à reflexão interior, para que haja uma vida de princípios e valores plenos e, assim, possa o homem gozar cada vez mais desse bem-estar enquanto sinônimo de virtuosidade e liberdade. Contudo, ser um homem de virtudes é, para Sêneca, ser homem feliz, homem que, com seus próprios méritos, trilha seu próprio caminho ao encontro do seu bem-estar.

Dessa forma, fica mais difícil confundir a felicidade com os prazeres libertinos, momentâneos, passageiros que muito são disseminados na pós-modernidade através

da política do consumo para a aparência, riqueza para ostentação ou aquisição de bens com o único fim de acúmulo ou prestígio social. Assim, é visto que, em comum entendimento entre os filósofos em inquirição, o consumo desenfreado que proporciona prazer momentâneo não condiz com o homem de virtudes, uma vez que estas são sublimes e libertam, enquanto que as satisfações passageiras aprisionam e escravizam. Logo, é prudente sempre afastar-se de tudo aquilo que não promove bem-estar duradouro, como é o caso dos bens materiais e do consumismo, tão difundidos na contemporaneidade.

Tanto Sêneca, quanto Epicuro, entendem que a felícia é, antes de mais nada, uma questão de escolha entre o duradouro e o efêmero, o benevolente e a maleficência. Sendo esse sentimento subjetivo, para ambos, o viver com sabedoria e plenitude; o respeito a si, ao outro e a natureza. Assim, saber fazer da razão, da sabedoria e das virtudes, verdadeiros degraus para que possa o homem faz-se protagonista da felicidade sua e de outros.

4.3 O entendimento da Patrística e da Escolástica

Santo Agostinho, um dos principais filósofos e padre da vertente filosófica conhecida como a Patrística³⁸, que se originou no período de transição entre Antiguidade e Idade Média, vai dizer que, para se alcançar vida feliz, se faz necessária a sabedoria, uma vez que o perfeito conhecimento, para Santo Agostinho, é próprio do homem benevolente, virtuoso e de alma grande. Segundo o Bispo de Hipona, o homem que conhece a Deus é propenso em sua intimidade com ele galgar bem-estar, haja vista a certeza da vida feliz caber única e exclusivamente à Trindade Santa enquanto promotora da felicidade dos homens temente à Deus.

Já o outro renomado filósofo medieval e representante do período escolástico, Tomás de Aquino, começa, por assim dizer, que nesta vida nenhum homem alcançará a felicidade, uma vez que defende, com base em seus conceitos, ser esta existe apenas de duas formas possíveis, quais sejam, a felicidade completa e a felicidade incompleta, cabendo à segunda aos homens aqui na terra que, mesmo contando com uma vida pautada em bons princípios e boas virtudes, será possível apenas saborear

³⁸ Filosofia cristã dos primeiros séculos; caracteriza-se pela distinção entre religião e filosofia. (Cf. ABBAGNANO, 2000, p. 746).

uma espécie de ensaio sobre a primeira, logo assegura Tomás que, nesta vida, o homem não será verdadeiramente e completamente feliz.

Isso porque, na verdade, apenas na transcendência é que se faz possível contemplá-la face a face. Assim, apenas da dimensão celestial ou transcendental, é que será o homem verdadeiramente completo em sentimentos, pois aqui, no plano terrestre é o homem, ser tendencioso aos vícios e ao pecado. Defende Aquino que, nessa dimensão, cabe apenas ao homem ter um ensaio sobre o que é felicidade, o que dependerá, ainda, se, e somente se, o indivíduo buscar viver uma vida de virtudes, seja enquanto razão, seja enquanto moral ou ética.

Este pensamento, também, muito foi defendido por filósofos do seu tempo, anteriormente, aqui, apresentados. Não obstante, porém de forma sábia, vai dizer Bauman, que “a felicidade ‘genuína, adequada e total’ sempre parece residir em algum lugar à frente: tal como o horizonte, que recua quando se tenta chegar mais perto dele”. (2021, p. 32).

Ora, assim sendo, resta, nesta vida, aos homens de bom coração viver apenas uma espécie de estágio provisório, caso sejam estes homens, seres de retidão, de princípios e valores, isso tudo por serem meramente indivíduos finitos, que, não obstante, assim também difunde a cultura da modernidade-líquida, a qual diz ser os indivíduos, também, seres com prazo de validade a se vencer com o tempo. E este vence-se com a morte, passagem também necessária para que se busque viver, definitivamente e na eternidade uma vida de glória plena e de verdadeira contemplação ao Divino enquanto felicidade completa e Fim Último, para Tomás.

Nesta lógica, aqui, de relações, continuidade ou rupturas frente à tradição filosófica, pergunta-se: é possível à felicidade aos homens do medievo? Precisamente, diria o filósofo medieval: não. Pois, nem a riqueza e nem a luxúria edificam o homem e sua alma.

Corroborando com esse pensamento, Zygmunt Bauman vai nos dizer também que, parece esta não ser possível na modernidade líquida, haja vista não a encontrar em prateleiras de shopping center, uma vez que, para ele, “todos os caminhos para felicidade sugeridos passam por lojas, restaurantes, salões de massagem e outros locais em que se pode gastar dinheiro”. (2021, p. 34). Assim, fica-se claro que anterior à promoção da felicidade, para Bauman, existe intencionalmente o objetivo, apenas de “encantar” ou “provocar inveja, humilhar, envergonhar, arrasar?”, apenas. (Ibidem).

Assim sendo, não pode ser este o caminho para que se alcance vida feliz, nem, muito menos, favorecer, aqui na terra, condições experimentar a verdadeira sensação em ser feliz, pois para o Doutor Angélico, nem a ganância, nem a luxúria, assim como, o apego ou a aparência edificam o homem, nem mesmo o eleva a ponto desse alcançar a felicidade completa, ou seja, Deus enquanto Fim Último.

Decerto, a de se concordar que na modernidade líquida, onde tudo parece ser efêmero, vive-se tempos em que a aparência, o orgulho em ter mais que o outro, tempos de cobiça até, coloca-se o outro em posição social superior a demais, o que, notoriamente, é visto no dia a dia com exemplos de disputas por mais poderes e riquezas; tempos nos quais até burlar sua própria dignidade parece ter-se tido como normal; tempos esses que ferir a ética e a moral ou subverter valores tão basilares a edificação do homem, parecer ser comum, a ponto de, para alguns ser algo legal, legítimo.

É em sua obra **A Arte da Vida** que Bauman vai indagar: “Será que é o senso de privilégio que torna felizes os ricos e poderosos?” (Idem, p. 35), questionamento esse que servirá aqui como item provocativo ao leitor, com o propósito final, para que, cada um, possa, de fato, explorar e exercitar sua tão estimada razão e fazer, também, filósofo por natureza, como visto, o orgulho não torna o homem superior a outros, aos quais, direta ou indiretamente incitam a discriminação e a inveja.

Faz-se razoável vislumbrar, até então, que, todas as qualidades que o tempo da pós-modernidade proporciona, em nada edifica o homem, segundo o Aquinate. E, corroborando com o mesmo, diz Bauman, “o consumo não leva à certeza e à saciedade”, para este, “o bastante nunca bastará” (ibidem). Principalmente quando o homem pós-moderno acha que, “o caminho para a felicidade passa pelas lojas e, quanto mais exclusivas, maior a felicidade alcançada. Atingir a felicidade significa a aquisição de coisas que outras pessoas não têm chance nem perspectivas de adquirir”. (Idem, p. 36).

A verdade é que, para o filósofo Dominicano, essa cultura não projeta os homens para a transcendental contemplação face a face, uma vez que, enquanto se defender nesta vida a cultura do consumo como projeto de vida feliz mais há de distanciar-se o homem da possibilidade de fazer-se feliz. Neste entendimento, Bauman corrobora com o filósofo medieval em recorte, haja vista, o homem nunca se satisfazer em sua totalidade.

Assim, para Tomás de Aquino, o ensaio de vida feliz não passa de uma falsa ilusão, uma vez que, para o filósofo trata-se de um sentimento passageiro, efêmero, sentimento do qual o próprio denomina de felicidade incompleta. Ou seja, um sentimento que se realiza em partes, e, talvez, da pior forma possível.

Graças à razão e o conhecimento, virtudes primordiais àqueles que, com inteligência e responsabilidade, veem na beatitude um caminho para ser e fazer-se feliz. Isso porque, segundo Tomás de Aquino, é o homem o único ser que com o exercício das boas virtudes, pode este um dia estar frente a frente à Glória Eterna, graças a razão e a liberdade que cabe ao homem, e, que, o diferencia de todos os outros animais. Logo, sejam a temperança, a justiça, a prudência e a fortaleza, virtudes necessárias ao homem de bom coração e cheio de beatitude.

Segundo Tomás de Aquino, o caminho para a felicidade enquanto Fim Último não converge em nada com a cultura do consumo da modernidade-líquida, exposta por Bauman, consumo esse, tido pelos homens da pós-modernidade como sinônimo de vida feliz. Segundo o Aquinate, esta, mesmo que incompleta, não está no consumo difundido enquanto necessidade cultural na pós-modernidade, uma vez que os vícios não edificam nem o corpo e nem a alma.

Quanto a esse entendimento, o filósofo dominicano honra até aqui o entendimento da história da filosofia pregressa a ele. Nem gregos, nem epicuristas ou estoicos, acastelam a possibilidade de vida feliz a partir de uma vida desregrada, sem princípios, respeito ou virtudes. É unânime, até então, a necessidade de uma vida pautada pela razão, pelo amor à sabedoria e à natureza e agora com Aquino, uma vida também edificada na fé, vida de beatitude e contemplação.

Destarte, para Tomás de Aquino, seja o homem de razão e fé, com beatitude e temperança, forte candidato tanto ao primeiro quanto ao segundo entendimento sobre felicidade. Corroborando com Aristóteles, o filósofo vai dizer que tudo o que o homem faz, o faz para uma finalidade, qual seja, vida de retidão. Assim, cabe ao homem, aqui na terra, projetar-se e lançar-se à transcendência, para que, um dia, possa este contemplar face a face o Fim Último, razão única de vida feliz.

4.4 A Moderna com René Descartes e Thomas Hobbes

Aos pensadores modernos, supracitados, especificamente, René Descartes, quanto à felicidade, vai defendê-la como fruto da virtude enquanto modelo ou projeto de vida, uma vez que esta, para o filósofo, encontra-se no indivíduo e, quanto a esse entendimento Thomas Hobbes, vai corroborar com ele, mas também apresentará objeções que caberão o merecido respeito à Filosofia.

Descartes, não muito distante do pensamento Tomista, vai dizer que a virtude é essencial ao homem, porém, diz o filósofo cartesiano, que a virtude é diferente do Bem Supremo, do Fim Último de Tomás de Aquino, uma vez que, para ele, esse bem-estar em discussão é intrínseco ao homem, pois ele está na própria natureza do homem enquanto essência. E, portanto, é esta possível, sim, nesta vida e não só em outra dimensão, apenas. Dimensão essa, transcendental a qual defende o Doutor Angélico, só ser possível a Felicidade Verdadeira lá, lugar no qual é possível viver e contemplá-la face a face.

Para Descartes, estado subjetivo próprio e presente a todo homem, é possível aqui e agora, graças a possibilidade da felicidade natural frente a felicidade sobrenatural. Essa primeira, para ele, é a que se encontra diretamente associada à natureza do ser humano, mesmo admitindo existir a segunda, a contemplativa, a qual se refere o Aquinate. Assim, contrariando o pensamento de Tomás de Aquino, René Descartes vai dizer que o homem pode e deve ser feliz ainda nesta vida, bem como, também em outra dimensão, qual seja, a transcendental.

Para defender a felicidade, o filósofo modernista, corroborando com a tradição grega, vai assegurar que é na tranquilidade da mente, na leveza do ser associada à paz interior que deve o homem buscar o contentamento e a satisfação verdadeira, pois são esses os predicados que proporcionam a virtude à prova dessa emoção tão particular ao homem. É a tranquilidade do corpo, da alma e da mente que hão de proporcionar o sentimento de vida feliz. Logo, para o filósofo, segundo Guinsburg & Prado, “é a virtude o bem supremo”. (1979, p. 47). Assim não há de haver virtude sem prática, bem como não deve haver ação destituída de bons sentimentos, de boas intenções ou de virtudes, mesmo que o filósofo defenda que virtude e bem-estar sejam coisas distintas, porém complementares.

Essas ações humanas devem refletir, diretamente, no alcance desse estado subjetivo que só será possível segundo uma vida de virtudes e boas ações, haja vista, ser o bem-estar interior e a consciência tranquila do homem que fez o que esteve a seu alcance, e, assim, tornar o sentimento tão verdadeiro que, seja este capaz de eclodir o estado de felicidade natural cartesiana no homem, uma vez que é o exercício do bem que produz o bem-estar, segundo Descartes.

Mais precisamente, é esse pensamento cartesiano que corrobora com as teorias gregas, mais precisamente aristotélicas, bem como, com as teorias epicuristas e estoicas sobre o tema em pauta, bem como, também, o bem supremo. E, ao mesmo tempo, distancia-se do pensamento medieval Tomista, que diz só ser possível saborear, experimentar esse estado de felícia nesta vida, uma vez que, para Tomás de Aquino, a felicidade é Fim Último, ou seja, só é possível na contemplação face a face de Deus.

Reitera o filósofo francês, René Descartes dizendo sim, é possível, ainda nesta vida, esse sentimento subjetivo e necessário ao homem, para isso, basta que o homem conte com a Filosofia, com a razão, e com o entendimento da unicidade do corpo e alma, bem como, a prática da virtude, pois ambos proporcionam ao homem o sentimento de completo dever cumprido o qual torna possível sim, ainda nesta vida a satisfação. É essa sensação de dever cumprido, segundo o filósofo, que proporciona essa satisfação, traduzido em bem-estar. É exatamente esse estado de espírito que encaminha o homem à felicidade e que só é possível com uma vida de *práxis*, de ações, de justiça e de virtudes.

É preciso existir ações com senso de justiça e desejos de cumprimento do dever ético-moral exercidos, para que, possa-se caminhar em busca de dias melhores, assim, muito deseja-se que encontre o homem, dentro de si mesmo, como diz os estoicos, a possibilidade e a certeza de uma vida feliz, pois a felicidade tanto para estes como para Descartes depende, única e exclusivamente, de cada um, de suas ações e das boas práticas, bem como, também, da força de vontade do homem. É a certeza do melhor em ser, em viver que, faz dos homens, indivíduos de virtudes que, por consequência, os preparam para a vida de satisfação transbordante.

Bem, contrariando Descartes, Thomas Hobbes, também filósofo modernista, vai dizer no *Leviatã* que, esse estado de plena satisfação humana não se encontra no

homem satisfeito completamente nesta vida, pois quando este alcança um objetivo desejado, automaticamente, este mesmo homem estabelece novos objetivos e metas a serem alcançadas, assim, para Hobbes, o homem nunca há de satisfazer-se. Sendo assim, encontra-se nesse pensamento uma tendenciosa divergência entre ele e René Descartes e, em contrapartida, uma também tendenciosa convergência com Zygmunt Bauman, quando este apresenta sua teoria da modernidade líquida, a qual tem como característica a cultura de, por um instante, do que efêmero, passageiro ou a cultura de “por um momento”. (2001, p. 8).

Para Hobbes, a felicidade natural a qual defende Descartes é, na verdade, um estado efêmero de sensação que está em constante renovação, uma vez que, para o filósofo, a cada projeto de vida alcançado, naturalmente há de se surgir um novo projeto de vida, com novos objetivos e metas, com novas perspectivas imbuídas de desejos, uma vez que, como diz Bauman, o filósofo Sócrates “já proclamava ser um fato bruto da vida [...] eterno companheiro da existência humana”. (Idem, p. 40).

Necessidades essas, novas e típicas de uma cultura de liquidez a qual defende Zygmunt Bauman, em sua obra *Modernidade Líquida*³⁹. Que, na verdade, parece ser a felicidade em Hobbes, estado esse, nunca alcançável plenamente, mas saboreado e apenas experimentado nesta vida a cada vez que, um projeto ou novo projeto de vida idealizado pelo homem é alcançado.

Ora, uma vez então, atribuído ao homem o direito de escolhas vantajosas e favoráveis a cada novo projeto de vida, logo, pode-se compreender que parece ser, esse homem, lançado à cultura da pós-modernidade, cultura esta, um tanto quanto egoísta quando, também, se refere à busca por vida feliz e, ao mesmo tempo, individualista ao extremo, sendo o projeto de vida de cada um mais necessário que quaisquer outras coisas. Prato cheio para a cultura social da modernidade líquida que tudo faz em busca de reconhecimento, prestígio ou legitimidade social. É graças ao filósofo Zygmunt Bauman que, essa discussão da modernidade líquida que, para se alcançar prestígio, o homem é capaz até de se auto-afirmar egoísta, se fazer individualista ou, até mesmo, ser capaz de pisar, ignorar o outro na tentativa de ser ele o favorecido que, aqui recobra-se de importância.

³⁹ Obra de Bauman, a qual, busca explicitar ao longo desta, termos dessa nova modernidade, permitindo-nos entender como o mundo funciona, para que possamos nele operar.

Importância essa que, ao mesmo tempo, faz-se mister destacar que, na filosofia da modernidade líquida, alcançar o estado de felícia parecer ser mais que preciso, mesmo que para tal se faça o homem ser ambicioso, ganancioso e, porque não dizer, acomodado em seu projeto de vida. No entanto, tende-se aqui, a admitir, talvez, que o homem é levado a compreender que o consumismo, inclusive de ideias e projetos, é o que, para Hobbes, levará na contemporaneidade o homem a tão almejada vida feliz.

Mesmo que tendenciados a ver que, em tempos de pós-modernidade, a vivência, a aquisição, o consumismo desenfreado, parecem valer a pena para um espírito de contentamento, esse não se deve admitir. Para Thomas Hobbes, o que vale, e assegura ao homem a possibilidade vida feliz, independente de quaisquer coisas. Para o filósofo, seguir em frente e se fazer persistente em escolhas e ideias novas, novos projetos de vida sempre que um for alcançado, faz-se preciso.

Escolhas essas que, para Bauman, configuram a própria manifestação da liberdade. Assim diz ele, “nenhuma sociedade pode privar [o homem] de escolhas” (2021, p. 39). Corroborando, talvez, com esse pensamento, segundo os estudos de Hobbes, cabe, sim, ao homem planejar-se ou não para que assim, esse mesmo homem possa escolher e construir seu projeto de vida e, por consequência, fazer-se homem feliz, uma vez que, para Thomas Hobbes, a felicidade não passa de uma escolha, cabendo ao homem querer alcançá-la ou não.

É a escolha, na verdade, uma decisão que é própria de cada indivíduo. Assim sendo, deve ser o homem protagonista de suas escolhas por uma vida feliz. O filósofo existencialista, Jean-Paul Sartre vai dizer que, cada um é responsável de si mesmo, “sou responsável por mim”. (1978, p. 20). Corroborando, aqui, com o conceito de atribuição da busca por uma vida feliz ao próprio homem, como defende Thomas Hobbes em sua obra *Leviatã*.

4.5 Bertrand Russell versus Zygmunt Bauman

Para o filósofo contemporâneo Bertrand Russell, a felicidade é acessível a todo homem, logo, ser feliz, para ele, é uma condição natural de todo e quaisquer indivíduos, uma vez que “mostrar as diferenças entre esses dois tipos de felicidade é dizer que um deles se acha ao alcance de qualquer ser humano”. (2017, p. 91). Ora,

esse entendimento sobre o tema enquanto sentimento subjetivo ser acessível a quaisquer cidadãos, de imediato o leva a convergir em entendimento com o pensamento grego aristotélico, bem como, com a filosofia epicurista e estoicista, uma vez que para esse estado de bem-estar, essa satisfação é intrínseca ao homem, logo ela pertence ao próprio homem.

A filosofia moderna, com destaque aos filósofos René Descartes e Thomas Robbes, também corrobora com o pensamento de Epicuro que diz,

O sábio, se por um lado não repudia a vida, por outro tampouco teme não viver; para ele a vida não constitui um fardo como também não viver lhe parece um mal. [...] Trata-se de refletir por analogia que há desejos que são naturais, ao passo que há outros que carecem de fundamento e que, entre os naturais, há os necessários e os que são apenas naturais; dos necessários, há alguns necessários à felicidade, outros à calma contínua do corpo, havendo também os que são necessários à própria vida". (2021, p. 137-138).

Não obstante, os mesmos filósofos modernos supracitados também convergem em pensamento com Sêneca, uma vez que a filosofia tanto epicurista, quanto estoicista, defendem ser a felicidade inerente ao homem, ou seja, para eles ela se encontra no indivíduo. Afirma Sêneca,

Quando se trata da felicidade [...] Busquemos o melhor, não o mais comum, aquilo que conceda uma felicidade eterna, não o que aprova o vulgo, péssimo intérprete da verdade [...] A felicidade é, por isso, o que está coerente com a própria natureza, aquilo que não pode acontecer além de si. (2021, p. 93-95).

É notório que a grande influência desse pensamento de Russel é fruto de uma filosofia que tem à tradição filosófica, da antiguidade à contemporaneidade, como balizadora de seu pensamento sobre a felícia. Bertrand Russell, em consonância com as filosofias antiga, epicúrea e estóica vai dar ênfase ao prazer enquanto causa necessária ao bem-estar do homem, sendo esse prazer sentido individualmente por cada um em fazer-se útil, benevolente e, porque não dizer, satisfeito com suas próprias ações em promover o bem, a justiça, a virtude. Assim, corroborando com ele vai dizer Bauman, citando o filósofo Aristóteles:

A felicidade pode ser definida de uma série de maneira: como 'prosperidade combinada com virtude', 'independência da vida', 'gozo seguro do máximo prazer', 'boa condição da propriedade

e do corpo, juntamente com o poder de proteger sua propriedade e seu corpo e de fazer uso dele'. (2021, p. 41).

É o bem-estar interior, é essa força que vem de dentro, tomada por uma sensação ardente de um avassalador prazer natural que brota do interior de cada indivíduo quando esse alcança seus objetivos, suas metas, seu planejamento de vida, por exemplo, são exatamente a isto que Russell vai denominar de prazer próprio. E o mais excepcional é que tudo isso é individual, é próprio, é natural e particular a cada indivíduo.

É exatamente nesse contexto existencial, e, porque não dizer, social e “sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade” (1988, Art. 3, Inciso IV) como reza a Constituição Brasileira, que é defendido, aqui, o direito ao bem-estar enquanto possibilidade real a todo e quaisquer indivíduos que, pautado por princípios morais, éticos e sociais, bem como, a carga de valores tão necessários a todo e quaisquer homens. E não como pensam alguns contemporâneos, atrelando esse estado à condição ou posição social, afirma Bauman:

A maioria dos leitores contemporâneos decerto consideraria trivialmente óbvio que ter mais dinheiro é mais propício à felicidade do que ter menos, que ter maior quantidade de bons amigos prenuncia mais felicidade do que ter poucos ou nenhum, o que gozar de boa saúde é melhor que estar doente. (2021, p. 42).

Bertrand Russell, também vai defender esse estado de felícia, enquanto acessível apenas aos letrados, diz o filósofo que dentre esses “dois tipos de felicidade, embora, naturalmente, haja graus intermediários” cabendo a apenas um “ser atingido por aqueles que sabem ler e escrever”, (2017, p. 91), ou seja, a apenas uma parcela dos homens, quais sejam, os letrados.

É, a partir desse pensamento, que o filósofo contemporâneo sobrepõe à ciência enquanto possibilidade e promotora desta, o que, no século XXI, há de se restringir, uma vez que a cada novo governo fica mais evidente a ausência do poder público em fomentar conhecimento, possibilitar pesquisas científicas e se fazer também responsável direto pelo bem-estar do cidadão.

Política esta que, muito restringe o alcance do bem-estar da parcela social mais vulnerável, socialmente falando, uma vez que, para Bauman “a maior felicidade foi e

continua sendo associada à satisfação de desafiar códigos e superar obstáculos”. (2021, p. 43). Assim, decifrar números e atacar os problemas na tentativa de buscar resolver a desigualdade e garantir direitos iguais e acessíveis a todos é para todo e quaisquer Estado um dever mais também um desafio social.

E, falando da superação de desafios, os letrados, em particular, têm buscado, na ciência e através do conhecimento, a possibilidade real de uma vida feliz. Para Zygmunt Bauman, “o segredo de uma vida feliz é manter as paixões estritamente a todos, dando rédeas livres a sua mente”. (Idem, p. 51). E, tratando-se desse tema, tem a ciência, através de seus pesquisadores, alçado cada vez mais voos altos. Para tanto, cabe a todos o desejo de sonhar e a possibilidade concretizar. Cabe a quem busca e a quem governa seu povo se fazer protagonista da felicidade em suas mais diversas áreas e campo, quer seja individual, quer seja coletivamente falando.

Sejam os projetos de vida pessoal, sejam as políticas públicas enquanto governamental, idealizadores e promotores na contemporaneidade garantia na busca por estado de vida mais feliz. O grande diferencial apresenta-se no esforço de cada indivíduo, quer seja letrado ou não, que fará a diferença na busca por dignidade, realizações de sonhos e conquistas. Para tanto, faz-se necessário garra, luta, haja vista serem essas, qualidades humanas, capazes de acordar dentro de cada indivíduo seu gigante, seu super-herói, sua certeza de vida feliz.

Ainda assim, provoca Bauman na contemporaneidade, dizendo, “deixo aos leitores decidir se a *coerção para buscar a felicidade*, na forma praticada em nossa sociedade líquido-moderna de consumidores, torna o coagido feliz”. (2021, p. 69). Seja a razão, para letrados e não letrados, caminho para resposta em uma sociedade pós-moderna que traz como característica marcante, mudanças rápidas e dinâmicas frente a uma sociedade que, segundo Bauman, se liquefaz, tornando-se cada vez mais líquida⁴⁰ frente a essas repentinas mudanças que, por deveras, intrigantes e

⁴⁰ “Os líquidos, uma variedade dos fluídos, devem essas notáveis qualidades ao fato de que suas ‘moléculas são mantidas num arranjo ordenado que atinge apenas poucos diâmetros moleculares’, enquanto ‘a variedade de comportamentos exibida pelos sólidos é um resultado direto do tipo de liga que une os seus átomos e dos arranjos estruturais destes’. ‘Liga’, por sua vez, é um termo que indica a estabilidade dos sólidos – a resistência que eles ‘opõem à separação dos átomos’ [...] Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a muda-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhe toca ocupar; espaço que, afinal, preenche apenas ‘por um momento’ [...] Os

preocupantes do ponto de vista do indivíduo, de suas relações, e de sua busca por uma sólida certeza de vida feliz.

Uma desacelerada nessas repentinas mudanças sociais, faz-se preciso, haja vista a necessidade em se construir relações mais sólidas e comprometedoras em nome de um resgate à humanidade. Forças individuais e coletivas parecem serem necessárias, afim de buscar enfrentar e vencer esse que, parece-nos ser grande problema do século XXI, sinalizado e chamado por Bauman de consumo, herança deixada pelo século XX, marcado pela sociedade de produção.

Decerto que, uma vez ser a modernidade líquida predicada pelo individualismo, esta exige cada vez mais do homem, uma interdependência entre indivíduos, o que pode favorecer ao enfraquecimento dos laços humanos, haja vista as divergências, o que, também, é natural ao ser humano. Contudo, é notório que a falta de comprometimento social pode e, em sua grande maioria, favorece para uma não construção de laços sociais. O que se justifica, para Bauman, quando este defende que, não há uma ruptura entre a modernidade e a pós-modernidade, mas sim uma modernidade líquida, uma nova época que ameaça a pós-modernidade, a contemporaneidade, o século XXI. Exatamente o que ele vai chamar de uma intensificação da modernidade.

Ora, assim sendo, o consumo, para Bauman, parece ganhar destaque, cada vez mais, enquanto que o trabalho finda perdendo espaço no quesito: importância. O consumo, aqui, torna, na verdade, o ser escravo dele, assim, a cada novo dia, os homens tornam-se vítimas do consumo exagerado e, muitas vezes, desnecessários na contemporaneidade. Parece ser o consumo “onipresente” nos dias de hoje. E isso, de certa forma, deve preocupar, pois como bem explica o autor na entrevista, “o que tem valor hoje, talvez já amanhã seja outro”. Essa efemeridade vai refletir diretamente nas relações interpessoais contribuindo, assim, para também relações líquida. Relações as quais muito facilmente se constroem e se desconstroem na mesma velocidade, e ao mesmo tempo, sem maiores compromissos e responsabilidades de uns para com os outros.

fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respigam’, ‘transbordam’, ‘vasam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’; são ‘filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho”. (BAUMAN, 2001, p. 8).

Em entrevista ao Café Filosófico, concedida em 2011, Zygmunt Bauman fala explicitamente dessa sua preocupação sobre as pessoas e suas relações chamando a atenção para a fluidez dessas, diz o filósofo nessa entrevista:

Romper relações é um evento muito traumático [...] mas na internet é tão fácil, você só pressiona delete e pronto. Em vez de 500 amigos, você terá 499, mas isso será apenas temporário, porque amanhã você terá outros 500, e isso mina os laços humanos [...] é uma situação muito ambivalente e, conseqüentemente, um fenômeno curioso dessa pessoa solitária numa multidão de solitários. Estamos todos numa solidão e numa multidão ao mesmo tempo. Uma situação muito confusa.

Destarte considerar aqui que, as relações e os laços sociais se fazem importantes, na medida em que, dar importância aos projetos de vida e suas relações com a sociedade e o outro, em busca de vida feliz, é mais que preciso, faz-se necessário nos dias atuais. Haja vista, buscar ser e se fazer feliz para o filósofo, frente a tantas outras possibilidades, é antes de mais nada, buscar valorizar no dia a dia momentos agradáveis ou que pelo menos proporcionem, quer seja para si, quer seja para com o outro, a sensação de bem-estar, de dever cumprido e de alma leve. Esses devem ser predicados de uma vida plena, cheia de satisfação, leveza e felicidade.

A verdade é que, problemas sempre existirão na vida de quaisquer indivíduos, bem como, esses mesmos, mais cedo ou mais tarde, precisarão passar por entraves e desafios frente a seus projetos de vida. Mais, para Zygmunt Bauman, o segredo da virada de chave para uma vida feliz encontra-se no protagonismo de cada um em driblar desafios e vencer o invencível. É certo que, mais cedo ou mais tarde as pessoas não de saborear o fel das dificuldades, mas caberá a cada ser superá-las para que possam, essas, gozar de momentos de satisfação e felicidade em suas vidas.

Momentos esses, talvez, complexos de se explicar mais prazerosos ao vivê-los. Momentos que, para obtê-los, o homem, diariamente, é constantemente desafiado frente a conquista da liberdade e da segurança, da vivência do caráter, do trabalho e da luta constante por modelos de vida. Porém, segundo Bauman, há sempre de haver uma luz à frente por se encontra no plano de vida, no planejamento do modo de vida de cada pessoa. Assim, é preciso sempre planejar e replanejar-se, definir e redefinir-se enquanto identidade, forma e modo de se viver, pois a sociedade, a cada novo dia,

torna-se a mais nova versão dela mesma nos convidando a, também, fazer-nos pessoas novas a cada novo dia. De certo que, em tempos de liquidez, essas mudanças são mais que precisas, se fazem necessárias ao homem que, mesmo que por um instante, aposta, busca e luta por dias melhores, por uma vida feliz, por mais complexa que seja encontrá-la, alcançá-la, vivê-la.

A essa conquista poder-se-á ser chamada de “Arte da Vida”, uma vez que, vive-se tempos em que a pós-modernidade traz o efêmero, o passageiro, o descrédito no sólido, impondo uma cultura que se liquefaz, uma cultura de consumo que exalta a importância do ter, contrariando os mais sublimes valores do ser enquanto pessoa, cidadão, sociedade que luta por mais ética, por valores mais sólidos, por costumes verdadeiramente morais. Decerto, essa política do consumo exagerado, tão próprio de uma sociedade capitalista, fruto de um mundo globalizado, aparentemente parece que em quase nada tem contribuído na busca por uma vida feliz.

Essa ideia contemporânea de uma sociedade líquida, sociedade as quais as coisas, modelos e modos de vida desaparecem em uma velocidade impressionante, deve ser o modelo social no qual deve-se dar um basta em nome da busca por dias melhores. Uma vez que é neste modelo social e que se liquefaz em uma assustadora velocidade, fazendo-se necessária a luta por relações mais duradouras, nas quais projetos de vida e sonhos tenham permanência de existência e possibilidades sem desânimos frente à constante luta por dias melhores, mais felizes e repletos de esperança. Que se lute por uma sociedade menos imediatista, menos líquida, menos inconstante.

Caso seja possível dar um freio nessa cultura tão marcante de uma sociedade líquida, inicia-se a tender ao equilíbrio entre segurança e liberdade, entre homens e sociedade, entre necessário e desnecessário, pois, só assim caminha-se rumo a verdadeira busca por felicidade, rumo a uma sociedade menos líquida e mais sólida, rumo a alcançar à felicidade tão desejada e almejada por tantos, quer seja na contemporaneidade, quer seja ao longo da história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Isso posto, é concluir que na Filosofia Antiga, para Platão, a política é uma possibilidade pela qual pode, o homem, alcançar a graça do bem, a ponto de a felicidade possível ser alcançada de forma objetiva, através de um governo justo, virtuoso, e que, guiado pela racionalidade e amor à sabedoria, o faça promotor da justiça, haja vista a felícia de um povo depender estritamente de um governo que legisle em prol de muitos e não de uma minoria, ou um, apenas. Assim, deve restar ao homem virtudes as quais o edifiquem, uma vez ser a virtude necessária para que se alcance o estado de satisfação pessoal e social, ou seja, vida feliz, alicerçada em valores que só uma vida de virtudes plena pode proporcionar. Assim sendo, para o filósofo grego, política e virtude podem ser compreendidas como degraus necessários para que se alcance bem-estar.

Não obstante, o pensamento ético-político e filosófico de Aristóteles, o qual compreende a felicidade como *eudaimonia*, ou seja, finalidade da vida humana, não só vai dizer ele ser possível como, se faz necessária em um mundo político e de relações necessárias onde a virtude deve ser, para o homem, sua máxima. Restando a este, o caminho da prática do bem atrelado a vivências pautadas em boas ações, para que possa, através de uma boa conduta moral, ética e social almejar vida feliz, haja vista, ser essa para Aristóteles condição subjetiva, fruto da razão e da sabedoria.

Já para Epicuro, foi visto que para alcançar a felicidade, a sabedoria, o amor e o cuidado são aportes, logo, percurso necessário ao equilíbrio do corpo e da alma, enquanto caminho necessário para que se alcance, pois, é esta possível ao homem, uma vez que ela já se encontra intrínseca a ele. Assim, para o epicurismo, todo homem carrega dentro de si a semente da felicidade e essa brotará a partir de atos e ações simples da vida e do dia a dia, graças a uma vida pautada no princípio da responsabilidade. Corroborando com Epicuro, o estoico Sêneca, complementa esse entendimento, dizendo serem o conhecimento, a consciência e a razão os faróis dessa responsabilidade que precisa ser atribuída à busca de um pensamento crítico-reflexo que a filosofia mais que qualquer outra ciência pode nos favorecer. Assim, a felicidade é, também, para ele possível, e esta encontra-se no mais íntimo do ser e dentro de si mesmo, ou seja, em seu coração.

Além disso, para Santo Agostinho, só há vida feliz no perfeito conhecimento de Deus, ou seja, em uma vida transcendental futura, caso seja ou se faça o homem, ser benevolente e temente a Deus. Logo, é a sabedoria indispensável ao homem. Em consonância com o pensamento Agostiniano, Tomás de Aquino, vai dizer ser a felicidade parte da totalidade do ser, pois para o Doutor Angélico, todos os homens tenderão ao fim último, qual seja: Deus. Segundo o Aquinate, a felícia para o homem, também, não se encontra nesta vida. Cabendo a este, apenas saboreá-la, vivê-la de forma temporária, passageira aqui na terra, o que se faz necessário transcender para outra dimensão a qual poderá, graças a uma vida de plenitude, contemplá-la face a face.

Enquanto que, para René Descartes, na modernidade, seguramente, esse bem-estar se faz plenamente possível para ao homem, tanto nesta, quanto na outra vida. O filósofo vai defender que é possível, aqui e agora, o indivíduo aprimorar sua própria natureza e alcançar a felicidade por esta já ser diretamente associada à natureza de cada homem, bem como, seja possível, a este, viver a felicidade sobrenatural que, consiste na vida transcendental e diretamente relacionada, também, à majestade divina enquanto contemplação, o que o faz corroborar com o medievo. Haja vista ser, para Descartes, a felicidade, verdadeiro contentamento e satisfação da mente, ou seja, uma emoção da alma.

Para fechar esse período filosófico, sobre ser possível a felicidade na modernidade, Tomas Hobbes vai dizer que, até é possível, porém, o homem feliz não se contenta apenas com essa ideia de satisfação a qual defende René Descartes, pois, para Hobbes, sempre que uma meta ou objetivo é alcançado pelo homem, outros surgirão, inclusive, com novas necessidades, assim, para o filósofo, a felicidade não se esgota na primeira conquista, sendo a felicidade uma constante do desejo. Para Tomas Hobbes, não existe nem fim último, nem sumo bem, o que existe, de fato, é a impossibilidade da felicidade ao homem que se acomoda já em sua primeira conquista, e, não busca traçar novos projetos de vida e, finda por estagnar em suas ambições decretando assim, seu fim e, sepultando com isso a possibilidade da felicidade enquanto seu mais novo projeto de vida.

Chegando na contemporaneidade, com Bertrand Russell, para o qual é a felicidade entendida de duas formas clara e distintas. A primeira, ele vai admitir ser acessível a quaisquer indivíduos e a outra apenas aos letrados. Não menos

importante, a que cabe aos letrados, materializar-se nas ciências, por exemplo, é para ele, o elo entre o prazer, a crença e a ciência. Assim, é o prazer impulso inicial rumo à felicidade, quer seja dos não-letrados, quer seja dos letrados, uma vez acordado no homem, no artista da vida, o dom da criatividade, do talento e da inteligência, é certeza de vida feliz, quer seja individual ou coletivamente, para que se alcance esse estado de bem-estar, para Russell, é indispensável a cooperação entre os indivíduos. Logo, associar-se, somar forças e cair em campo juntos é imprescindível para a felícia do homem contemporâneo. Portanto, a felicidade para o filósofo contemporâneo, depende diretamente do esforço individual e coletivo, que se encontra tanto interno quanto externo ao homem, se fazendo necessário buscá-la e agarrá-la com fervor cabendo a este o propósito de ser feliz.

Destarte, a ideia de felicidade em **A Arte da Vida** é apresentada como um estado na vida do homem. Essa obra não é nenhum tratado, muito menos um guia prático ou um livro de autoajuda. É antes, de mais nada, um magnífico livro com propósito claro de levar o leitor a uma visão crítica-reflexiva e humanista sobre a possibilidade de se fazer feliz, individual e coletiva, frente a diversidade de habilidades.

Para Zygmunt Bauman, esse estado subjetivo não pode ser materializado em bens de consumo, caso contrário, este deixaria de ser subjetivo. A felicidade, para ele, não se liquefaz. Ela, quando encontrada, enquanto sentimento subjetivo no ser humano, se faz sólida, dado que, o amor verdadeiro, não ser este possível de ser destruído ou dissolvido. Assim, é esse bem-estar, simples e duradouro, útil e agregador, presente nas coisas simples da vida, bem como, em genuínos atos e ações para consigo ou para com os outros. Essa é a felicidade defendida e difundida por Bauman, presente no ser altruísta o qual faz da alteridade sua máxima enquanto modelo de vida.

Essa felicidade perpassa diretamente por escolhas. E, para estas, contam-se com verdadeiros artistas da vida, autônomos de seus projetos e planejamentos e, ao mesmo tempo, protagonistas de sua própria história, uma vez que caber a cada homem ser e se fazer responsável pelo que deseja e busca alcançar enquanto meta, pois, na arte da vida, para se fazer feliz é preciso, antes de mais nada, habilidades. Assim, o perfeito equilíbrio entre liberdade e segurança é, para Bauman, o achado do ouro.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AGOSTINHO, Santo. **A vida feliz**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1998.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: *Principius*, 2019.

AQUINO, Tomás de. De reino ou do governo dos príncipes ao rei de Chipre. *In*: Santo Tomás de Aquino. **Escritos políticos**. Tradução de Francisco Benjamin de Souza Neto. Petrópolis: Vozes, 1997.

AQUINO, Tomás de. **Suma contra os gentios** (bilíngue). Jaspers, L. e Moura, O. (trad.); e De Boni, L. A. (ver.). Porto Alegre: EST/Sulina/Edipucrs, 1990 e 1996.

AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. Parte I-II. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1989.

ARANHA, Maria Lúcia L. & MARTINS, Maria Helena P. **Filosofando**: introdução à filosofia. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. 4. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Mário Gama Kury. 4. ed. Brasília: UNB, 2001.

BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos e Maredsous (Bélgica). São Paulo: Ave-Maria, 2017.

BRASIL. Congresso Nacional. Senado. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

CPFLCULTURA. **Café filosófico**. Zygmunt Bauman: estratégias para a vida. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lyhOBYoBnsU>. Acesso em: 11 abr. 2022.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DESCARTES, René; ADAM, C. & TANNERY, P. Oeuvres de Descartes. Paris: Vrin, 1996 apud Estrada López, Marvin Sebastián. **A felicidade cartesiana**. Uberlândia, 2018. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2018.

DUBAR, C. *La socialisation: construction des identités sociales et professionnelles*, Paris, Armand Colin, 1991, p. 113 apud BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

EPICTETO, The art of living, interpretado por Sharon Lebell, Nova York, Harper One, 2007, p. 22 apud BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

EPICURO. **Cartas de Epicuro: sobre a felicidade, sobre os fenômenos celestes, sobre a filosofia da natureza**. Trad. Edson Bini. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2021.

GUINSBURG, J & PRADO JR., B. **Discurso do método. Meditações, objeções e respostas. As paixões da alma. Cartas**. São Paulo: Abril, 1979.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil** (os pensadores). Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

LÉVINAS, Emmanuel. ***Ethics and Infinity: Conversations with Philippe Nemo***, Tradução de Richard A. Cohen, Pittsburg, Duquesne University Press, 1985, apud BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

NASCIMENTO, Kelvis Leandro do; SILVA, Allyson Darlan Moreira da. **A sociedade líquida e o conceito de felicidade em "A Arte da Vida" de Zygmunt Bauman**. Cadernos Zygmunt Bauman, EDUFMA, v. 9, n. 19, p. 115-138, 2019. Quadrimestral. ISSN 2236-4099. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/10945/6544>. Acesso em: 20 maio 2021.

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. **Introdução à sociologia**. 25. ed. São Paulo: Ática, 2004. (Série Brasil).

PASCAL, Blaise. *Pensées*, tradução de A.J. Krailsheimer, Londres, Penguin, 1968, p. 59 apud BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

PLATÃO. **A república**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2014.

RUSSELL, Bertrand. **A conquista da felicidade**. Tradução de Luiz Guerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

RUSTIN, M. **What is wrong with happiness?** Soundings, verão 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de Rita Correia Guedes. Paris: Les Éditions Nagel, 1970.

SCHELER, Max. "Das ressentiment im aufbau der moralen". *In: Gesammelte Werke*, vol.3, Berna, 1955, aqui citado segundo a edição polonesa, *Ressentyment i Moralnosc*, Czytelnik, 1997, p. 49 apud BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

SÊNECA. **Da vida retirada; da tranquilidade da alma; da felicidade.** Tradução de Lúcia Sá Rebello e Ellen Itanajara Neves Vranas. Porto Alegre: L&PM, 2021.

SILVA, Jaires Firmino da; SOUTO, Ricardo Pinho; CAVALVANTI, Cláudia Simone. **A importância da ética na formação ept em tempos de pós-modernidade...** *In*: Anais do X Seminário Nacional EDUCA PPGE/UNIR. Anais. Porto Velho (RO) UNIR, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/XSEMINARIOEDUCA/462119-A-IMPORTANCIA-DA-ETICA-NA-FORMACAO-EPT-EM-TEMPOS-DE-POS-MODERNIDADE>. Acesso em: 11 jul. 2022.

STÖRIG, Hans Joachim. **História geral da filosofia.** Revisão geral de Edgar Orth. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

VILLAMARÍN, Alberto J. G. **Sucesso, paz e felicidade.** Porto Alegre: AGE, 2003.

ANEXOS

Entrevista ao filósofo contemporâneo, Zygmunt Bauman, ao ser questionado se há Receita para a Felicidade. Diz ele:

Eu cheguei à conclusão que há dois valores essenciais que são absolutamente indispensáveis para uma vida satisfatória, recompensadora e relativamente feliz. Um é segurança e o outro é liberdade. Você não consegue ser feliz, você não consegue ter uma vida digna na ausência de um deles, certo? Segurança sem liberdade é escravidão. Liberdade sem segurança é um completo caos, incapacidade de fazer nada, nem mesmo sonhar com isso. Então, você precisa dos dois. Entretanto, o problema, de novo, é a minha firme conclusão, é que ninguém ainda, na história e no planeta, encontrou a fórmula de ouro. A mistura perfeita de segurança e liberdade. Cada vez que você tem mais segurança, você entrega um pouco da sua liberdade. Não há outra maneira. Cada vez que você tem mais liberdade, você entrega parte de sua segurança. Então, você ganha algo e você perde algo. Quanto mais perto você chegar do polo da segurança, mais você desenvolve nostalgia pela liberdade perdida. E quanto mais perto você chegar do polo da liberdade, mais você desenvolve nostalgia pelos bons velhos tempos, quando havia comunidades, e tudo era confortável, constante e estável, você sabia em quem confiar e o que fazer etc. E não há como fugir disso. Então, minhas conclusões são duas: em primeiro lugar, você nunca encontrará uma solução perfeita do dilema entre segurança e liberdade. Sempre haverá muito de uma e muito pouco da outra, certo? E a segunda é que você nunca irá parar de procurar essa mina de ouro. O destino é o apelido para todas as coisas sobre as quais não temos nenhuma influência é o que acontece conosco, mas não foi causado por nós. Isso é destino. O caráter é algo muito individual, você pode trabalhar em cima do seu caráter, se quiser, você pode mudá-lo, melhorá-lo, boa parte dele está sob seu controle. A divisão de trabalho entre o destino e o caráter é tal que o destino estabelece a gama de opções que são realistas para você. Sobre isso você não tem nenhuma influência. Se você tivesse nascido 20 anos antes, sua gama de opções seria diferente. Se você tivesse nascido 20 anos depois, novamente seria diferente. Se você tivesse nascido neste bairro rico você teria uma gama de opções; se você tivesse nascido num gueto, seriam opções completamente diferentes. Mas sempre há gamas de opções proporcionadas pelo destino. Porém as escolhas entre essas opções são feitas pelo caráter. Eu sei que hoje existem consultores ganhando muito dinheiro fingindo que possuem receitas para a felicidade. Não acreditem neles, eles estariam enganando você. Eu jamais ousaria dar esse tipo de conselho porque, como os tipos de caráter são muitos e bem diferentes, não é possível dar uma receita para a felicidade. Muitos filósofos contemporâneos consideram a vida de Sócrates, sua

personalidade, que ele construiu, como a relativamente mais perfeita possível que se pode imaginar. Mas o que isso significa? Significa que o tipo de vida escolhida por Sócrates era considerada a solução perfeita, para Sócrates? Significa que todos nós devemos imitar Sócrates e tentar ser iguais a ele? Não, pelo contrário, porque Sócrates precisamente considerava que o segredo de sua felicidade estava no fato de ele próprio, por sua própria vontade, ter criado a forma da vida que ele viveu. As pessoas que imitam a forma de vida de outra pessoa, o modelo de felicidade de outra pessoa, não são como Sócrates. Pelo contrário, elas traem a receita dele. Bem, você pode traduzir isso em termos simples, dizendo que para cada ser humano há um mundo perfeito feito especialmente para ele ou para ela. O único problema é que a maioria das pessoas procuram por esse mundo nos lugares errados. Você tem que passar sua vida, de fato, redefinindo sua identidade. Porque os estilos de vida, o que é considerado ser bom para você e ruim para você, as formas de vida atraentes e tentadoras mudam tantas vezes na sua vida.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lyhOBYoBnsU>. Acesso em: 11 abr. 2022.